

**ORDEM
DO MÉRITO
CULTURAL
2014**

Ordem do Mérito Cultural 2014

DESCUBRA UM PAÍS DE CULTURA, UM BRASIL QUE FAZ A DIFERENÇA

Ministério da
Cultura

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO E PAÍS SEM POBREZA

GRÃ-MESTRA DA ORDEM
Presidenta Dilma Rousseff

CHANCELER E PRESIDENTA DO CONSELHO DA ORDEM
Ministra da Cultura Marta Suplicy

CONSELHO DA ORDEM

MINISTRO DAS RELAÇÕES EXTERIORES
Embaixador Luiz Alberto Figueiredo Machado

MINISTRO DA EDUCAÇÃO
José Henrique Paim Fernandes

MINISTRO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO
Clelio Campolina Diniz

SECRETARIA-EXECUTIVA DA ORDEM

SECRETÁRIA DO CONSELHO DA ORDEM DO MÉRITO CULTURAL
Ana Cristina Wanzeler

COORDENADOR EXECUTIVO DA ORDEM/ CHEFE DO CERIMONIAL
Robson Marques

COMISSÃO TÉCNICA DA ORDEM

SECRETÁRIO DE POLÍTICAS CULTURAIS
Américo José Córdula Teixeira

SECRETÁRIA DA CIDADANIA E DA DIVERSIDADE CULTURAL
Márcia Helena Gonçalves Rollemberg

SECRETÁRIO DO AUDIOVISUAL
Mario Henrique Costa Borgneth

SECRETÁRIO DA ECONOMIA CRIATIVA
Marcos Andre Rodrigues de Carvalho

SECRETÁRIO DE FOMENTO E INCENTIVO À CULTURA
Ivan Domingues das Neves

Apresentação	05
Adélia Prado	08
Alex Atala	10
Alexandre Herchcovitch	12
Angel Vianna	14
Bernardo de Mello Paz	16
Bruno & Marrone	18
Celso Frateschi	20
Chico de Assis	22
Ciranda de Tarituba	24
Eliane Potiguara	26
Escola de Gente - Comunicação em Inclusão	28
Fundação Santa Sara Kali	30
Grupo Cena 11 Cia. de Dança	32
Hermano Vianna	34
Jenner Augusto (<i>In Memoriam</i>)	36
José Meirelles	38
Júlio Medaglia	40
Mano Brown	42
Marisa Monte	44
Matheus Nachtergaele	46
Mestre Tião Oleiro	48
Ogan Bangbala	50
Orlando Senna	52
Oskar Metsavaht	54
Palhaço Gafanhoto	56
Patrícia Pillar	58
Paulo Martins (<i>In Memoriam</i>)	60
Pinduca	62
Vange Leonel (<i>In Memoriam</i>)	64
Washington Novaes	66
Agraciados - edições anteriores	68

O uso de todas as imagens foi autorizado pelos agraciados ou respectivos representantes.

AGRACIADOS
ORDEM DO MÉRITO CULTURAL
2014

ADÉLIA PRADO

Um dom divino. É como Adélia Prado entende seu trabalho. “É o experimento de uma realidade anterior a você. Ela te observa e te ama. Isto é sagrado. É de Deus”, afirma a poetisa mineira. Em verso e prosa, a escritora quer abrir os olhos do leitor para o que há de sagrado no trivial.

Seu caminho foi longo e surpreendente. Uma das grandes viradas na vida de Adélia se deu aos 38 anos de idade. Foi quando enviou alguns de seus poemas ao poeta e crítico literário Affonso Romano de Sant’Anna, que os submeteu ao crivo de Carlos Drummond de Andrade. Apadrinhada por Drummond, que em crônica no Jornal do Brasil qualificou seus poemas como “fenomenais”, publicou o primeiro livro, “Bagagem”. Era 1976.

Além dos poemas, a autora dedicou-se também à prosa. Em 1979, publicou o livro de contos “Solte os Cachorros”. Os textos da mineira também ganharam

os palcos. O monólogo “Dona Doida” esteve em cartaz durante 13 anos, com direito a interpretação da atriz Fernanda Montenegro. Além do Brasil, a peça foi encenada em Portugal, Uruguai, Estados Unidos e Itália.

Em 2006, Adélia lançou sua primeira publicação voltada para crianças: “Quando eu era pequena”. A narrativa teve como inspiração a infância da própria autora: lembranças de uma menina do interior durante a Segunda Guerra Mundial. Os cenários retratam a vida simples com os irmãos, o cuidado do avô com a horta e a culinária da mãe – o trivial, no qual ela viu algo de sagrado.





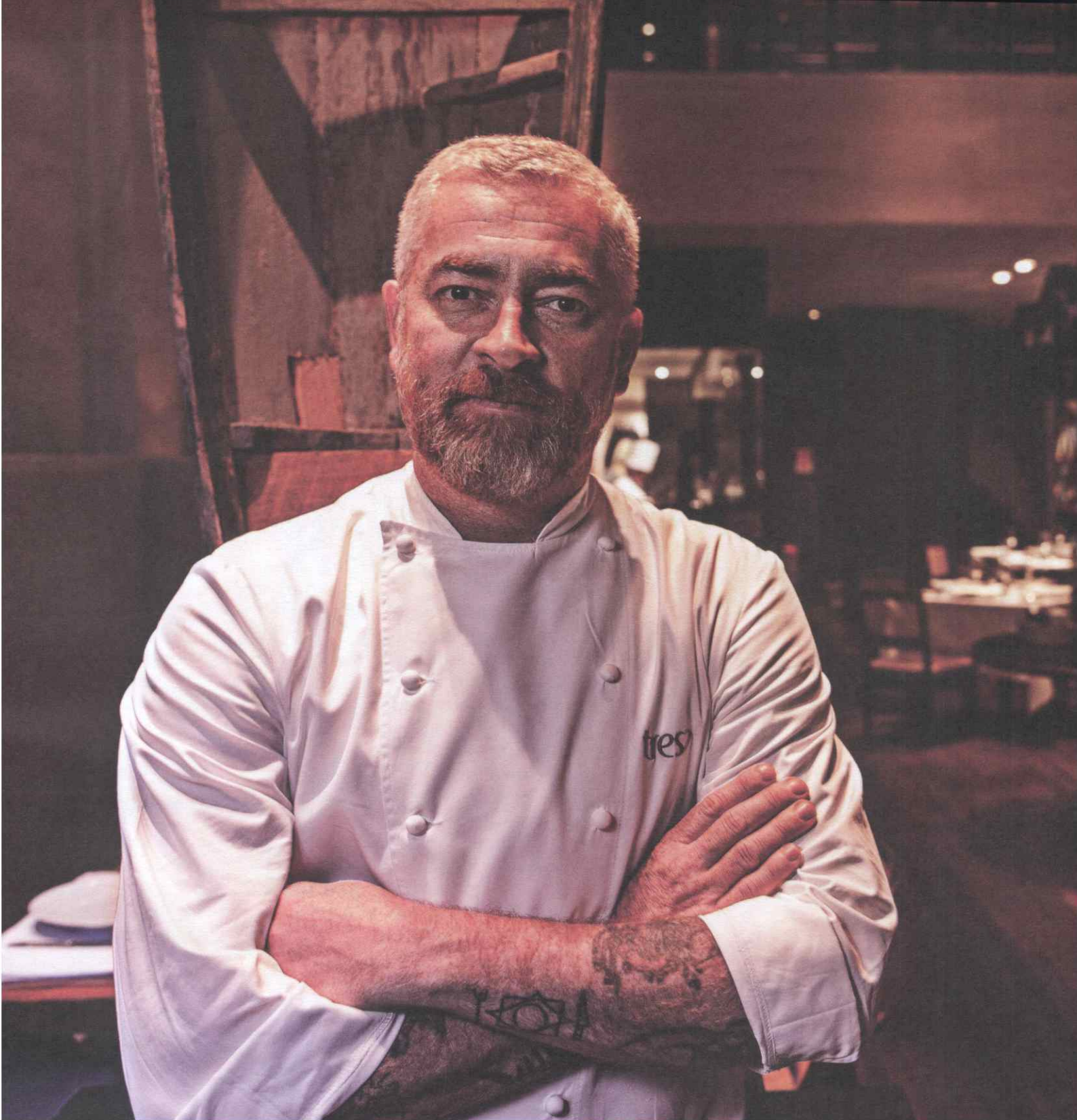
ALEX ATALA

Nome e sobrenome escondem o sangue brasileiro e a paixão por seu país. Milad Alexandre Mack Atala, mais conhecido como Alex Atala, nascido na cidade de São Paulo em uma família de origem palestina, é hoje um ícone da alta gastronomia no Brasil e no exterior. Tanto sucesso se deve justamente ao fato de o *chef* dar seu toque especial e grande estilo a ingredientes dos mais distintos rincões brasileiros, que vão parar nas mesas de seus requintados restaurantes na capital paulista.

Ex-punk, ex-DJ, ex-pintor de paredes, Atala não dá o menor sinal de que, um dia, será *ex-chef*. Quando abraçou a gastronomia, foi para valer. Trabalhou em restaurantes na Bélgica, na França e na Itália. Considerado, em 2013, uma das 100 pessoas mais influentes do mundo pela revista americana Time, Atala comanda, atualmente, dois restaurantes em São Paulo, entre eles o célebre D.O.M, que, desde

2006, figura entre os cinquenta melhores do mundo no *ranking* da revista inglesa Restaurant. Atala mantém, desde 2009, também na capital paulista, o Dalva e Dito, restaurante de comida brasileira inspirado em livros de receitas de mães, avós, tias e sogras. Em 2013, o *chef* ampliou ainda mais seu leque de atuação e inaugurou o bar e restaurante Riviera, onde é possível se deliciar com sanduíches, como o hambúrguer tradicional, e até ostras.

A partir da experiência e do estudo da cozinha brasileira, Atala já publicou quatro livros e inaugurou, em 2013, o Instituto ATA, que tem como proposta incentivar o uso de ingredientes naturais pouco conhecidos, em favor de uma culinária mais saudável e sustentável.



ALEXANDRE HERCHCOVITCH

Foi pelas mãos de sua mãe que Alexandre Herchcovitch teve seu primeiro contato com a moda. Tinha apenas 10 anos de idade quando obteve de Dona Regina, a pedido dele próprio, as primeiras noções de modelagem e costura. Para prestigiá-lo, ela começou a usar em festas as roupas que o filho confeccionava.

As influências da educação judaica ortodoxa e do circuito alternativo da noite paulistana marcaram o estilo do jovem nascido em 1971. Já na década de 1990, ingressou na Faculdade de Moda Santa Marcelina, onde se dedicou ao aprendizado de novos modos de acabamento e modelagem. Seu foco era a produção de camisetas e roupas especiais para shows. A primeira coleção completa com sua marca foi lançada oficialmente em 1994 durante o primeiro Phytoervas Fashion.

Além da própria marca, o estilista respondeu pela direção criativa de roupas

femininas da Cori até julho de 2007. Conquistou ainda o licenciamento de produtos famosos, como as sandálias Melissa, linhas de cama e banho para a Zelo, de louças e vasos para a Tok&Stok, de móveis e decoração para a MICASA, de óculos para a Chilli Beans, entre outros.

Atualmente, é um dos estilistas brasileiros de maior destaque no mercado internacional, com coleções no calendário oficial de moda no Brasil e no exterior.



ANGEL VIANNA

A dança como agente transformador do mundo. Com essa ideia em mente, a bailarina, coreógrafa e pesquisadora do movimento Angel Vianna realiza seu trabalho há mais de seis décadas.

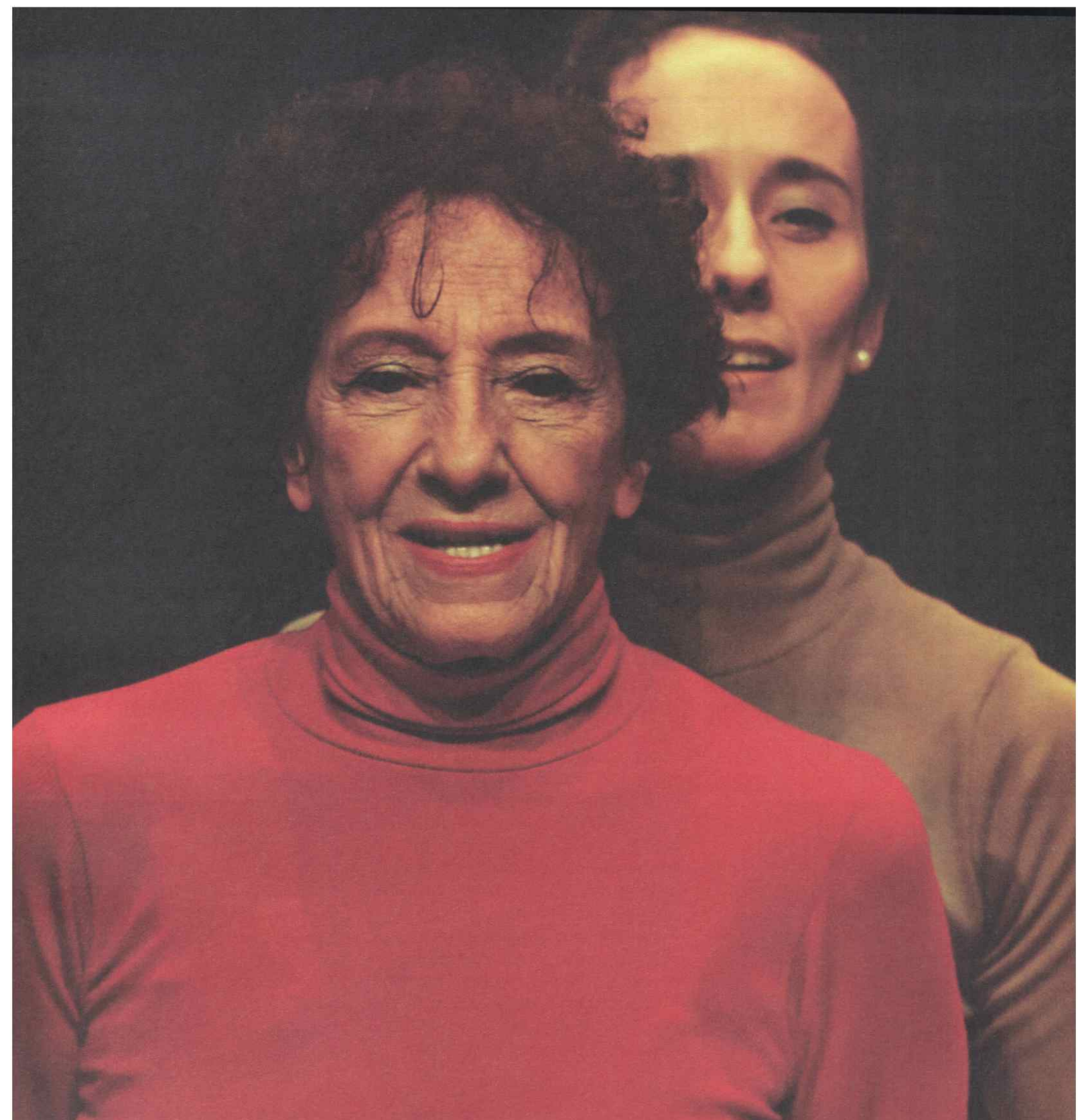
De família de origem libanesa, a mineira Maria Ângela Abras Vianna, nascida em 1928, foi pioneira na formação e capacitação de profissionais que atuam nas áreas de arte, educação, saúde e direitos humanos, dentro das principais instituições de saúde e reabilitação do país, como a Rede Sarah Kubitschek de Hospitais e diversas universidades públicas.

Essa visão artística multifacetada vem de cedo. Angel Vianna começou a estudar piano aos 17 anos de idade e balé a partir dos 20. Depois, escultura na Escola de Belas Artes da Universidade de Minas Gerais, dirigida pelo célebre pintor Guignard. Casou-se com o bailarino e

coreógrafo brasileiro Klauss Vianna em 1955, e juntos abriram a Escola Klauss Vianna. Quatro anos depois, o casal oficializaria o Ballet Klauss Vianna, grupo de dança moderna.

Em 1975, com o marido e a bailarina clássica Tereza D´Aquino, Angel fundou o Centro de Pesquisa Corporal, Arte e Educação e o Grupo Teatro do Movimento.

Angel foi a primeira personalidade do mundo da dança no Brasil a receber o título de Notório Saber da UFBA (Universidade Federal da Bahia), primeira universidade de dança da América Latina. Entre as homenagens e condecorações que conquistou, destacam-se o Prêmio Mambembe (1996) e a Comenda da Ordem do Mérito Cultural (1999), na categoria Cavaleiro. Neste ano, Angel será promovida à categoria Grã-Cruz.



BERNARDO DE MELLO PAZ

Empresário do ramo de mineração e siderurgia, o mineiro de Belo Horizonte Bernardo de Mello Paz é o idealizador de um espaço singular: o Instituto Inhotim, complexo museológico de galerias e jardins localizado em Brumadinho, Minas Gerais.

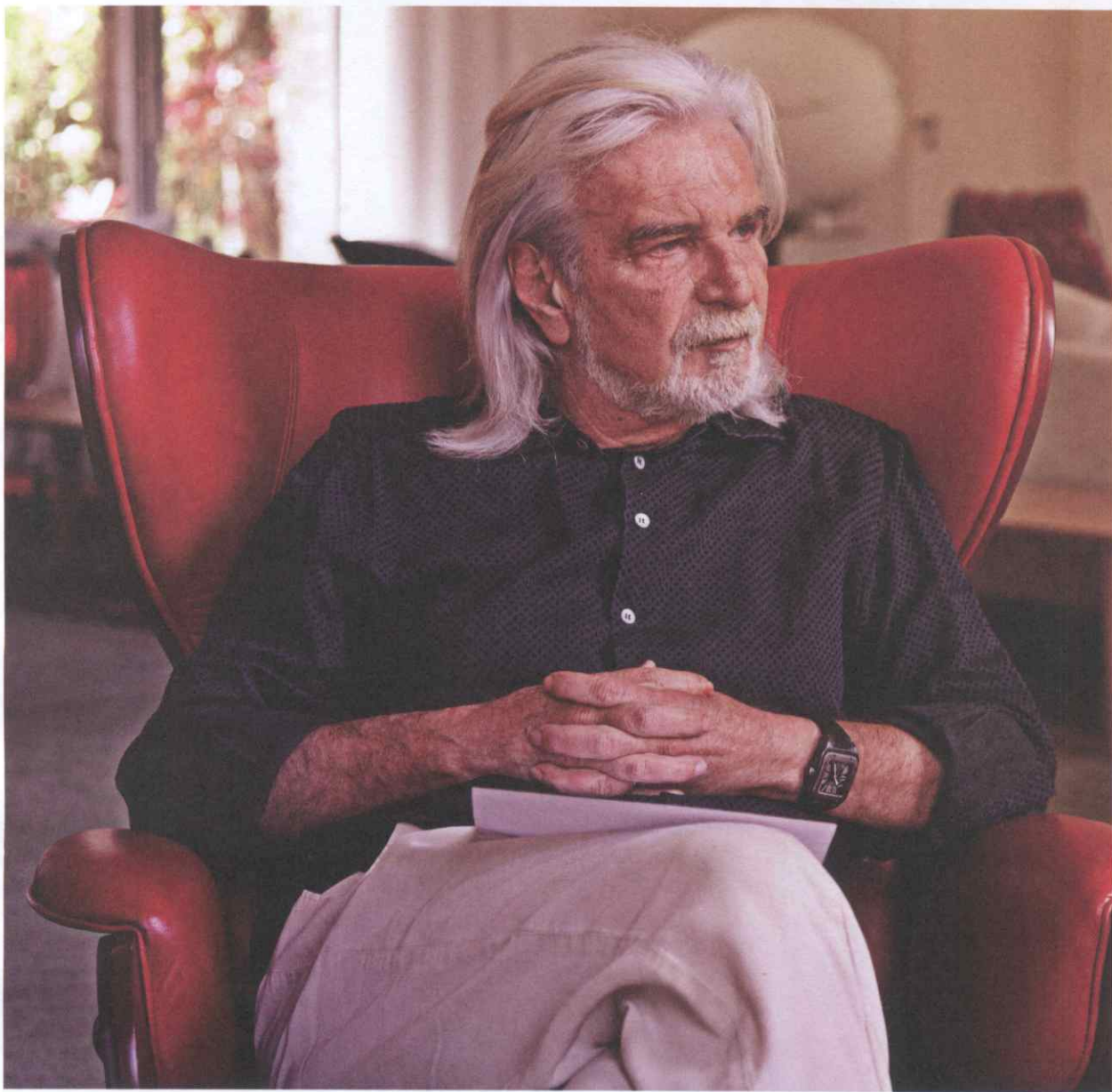
Concebido a partir de meados da década de 1980, Inhotim reúne um dos mais relevantes acervos de arte contemporânea do mundo e uma coleção botânica de espécies raras de todos os continentes.

“Tenho como motivação fugir da mediocridade. Busco todo o tempo não esbarrar no lugar-comum. Procuo observar aquilo que ainda não foi percebido. Paralelamente à tecnologia que permeia a vida contemporânea, vejo que o que continua a importar são a emoção e a sensibilidade, e é isso que nos guia na construção do Inhotim.” É essa mescla de emoção e sensibilidade que o visitante experimenta em Inhotim, seja

por meio de mais de 800 obras de arte, das quais 240 estão em exibição, seja por meio da exuberância da natureza em todo o espaço.

O complexo possui quatro galerias temporárias e 18 dedicadas permanentemente a artistas como Adriana Varejão, Cildo Meireles, Lygia Pape, entre outros. O Jardim Botânico Inhotim ostenta mais de quatro mil espécies de plantas entre obras de grande porte, de artistas consagrados, como Cildo Meireles, Helio Oiticica e Tunga.

Com atividades educativas e sociais e interlocução com a comunidade, Inhotim vem se consolidando como “agente propulsor do desenvolvimento humano sustentável” e despertando o interesse de turistas do Brasil e do exterior.



BRUNO & MARRONE

Ao contrário do que muita gente pensa, Bruno e Marrone não são irmãos. Foi a paixão pela música que os uniu como se fossem.

Vinicius Félix de Miranda, o Bruno, nasceu em Goiânia, capital de Goiás. Aos 6 anos de idade, aprendeu as primeiras notas musicais no violão do pai. Aos 8, ganhou um cavaquinho e passou a animar os encontros da vizinhança. Bruno chegou a frequentar uma escola de música, mas não concluiu os estudos. Ainda jovem, foi balconista em uma farmácia da família, sem parar, claro, de cantar e tocar violão. Não havia mesmo remédio senão apostar na carreira artística.

José Roberto Ferreira, o Marrone, nasceu em Buriti Alegre, também em Goiás. Criado em um sítio, acompanhava o pai na lavoura e passava o tempo em passeios a cavalo e banhos de rio. Ainda menino, apaixonou-se pelo acordeom. “Betinho era tão

pequeno, que ficava escondido atrás do instrumento. Devia ter uns 5 anos”, lembra a mãe, dona Odete. Aos 12 anos, Marrone já tocava nos bailes da fazenda.

Antes de formarem uma dupla sertaneja de sucesso, Bruno e Marrone tentaram, sem êxito, a carreira musical com outros parceiros e bandas. Foi o cantor Leonardo que apresentou um ao outro. Resultado: a dupla emplacou.

O primeiro álbum, de 1996, explodiu nas paradas de sucesso com o hit “Dormi na Praça”. Hoje, a dupla conta 17 CDs e 7 DVDs, totalizando mais de 11 milhões de cópias vendidas. Bruno e Marrone já faturaram três Discos de Platina, um Platina Duplo, um de Ouro e um de Diamante. Em 2001, o álbum “Acústico” obteve o Grammy Latino de “Melhor Álbum Sertanejo”.



CELSO FRATESCHI

“Um homem de teatro dedicado ao palco, ao ensino do ofício e à formulação e implantação de políticas culturais”, assim o ator, diretor, professor e político Celso Frateschi sintetiza seu trabalho.

Frateschi estreou nos palcos na década de 1970, trabalhou com grandes diretores do teatro brasileiro, interpretando textos de William Shakespeare a Fiódor Dostoievski.

A atuação no espetáculo “Eras”, de Heiner Muller, em 1978, rendeu-lhe o Prêmio Shell de Melhor Ator e, com a peça “Do Amor de Dante por Beatriz”, de Dante Alighieri, com adaptação de Elifas Andreato, ganhou o Prêmio Apetesp também de Melhor Ator, em 1996. Como diretor, realizou mais de uma dezena de trabalhos e recebeu o Prêmio Mambembe de Melhor Projeto pela peça “Os Imigrantes”, em 1977.

Na política, destacou-se como secretário de Educação, Cultura

e Esportes dos municípios paulistanos de Santo André, São Bernardo do Campo e da Cidade de São Paulo. Foi presidente da Fundação Nacional de Artes (Funarte) e diretor do Teatro da Universidade de São Paulo (TUSP).

Atualmente, Frateschi dá aulas de interpretação na Escola de Artes Dramáticas da USP (Universidade São Paulo), dirige o Ágora Teatro e deixa os fãs na expectativa de suas próximas participações na televisão e no cinema.



CHICO DE ASSIS

Parece difícil imaginar uma missa leiga. Mas o paradoxo dá título a uma das peças de maior sucesso na carreira do dramaturgo Francisco de Assis Pereira, mais conhecido como Chico de Assis.

“Missa Leiga” é “uma oração pelo destino do mundo e do homem”, declarou o autor, certa feita. A peça, que traça um paralelo entre o tempo do mundo e o tempo do templo, segue o ritual da missa católica. A proposta conquistou palcos do Brasil de outros países de língua portuguesa, como Angola e Moçambique.

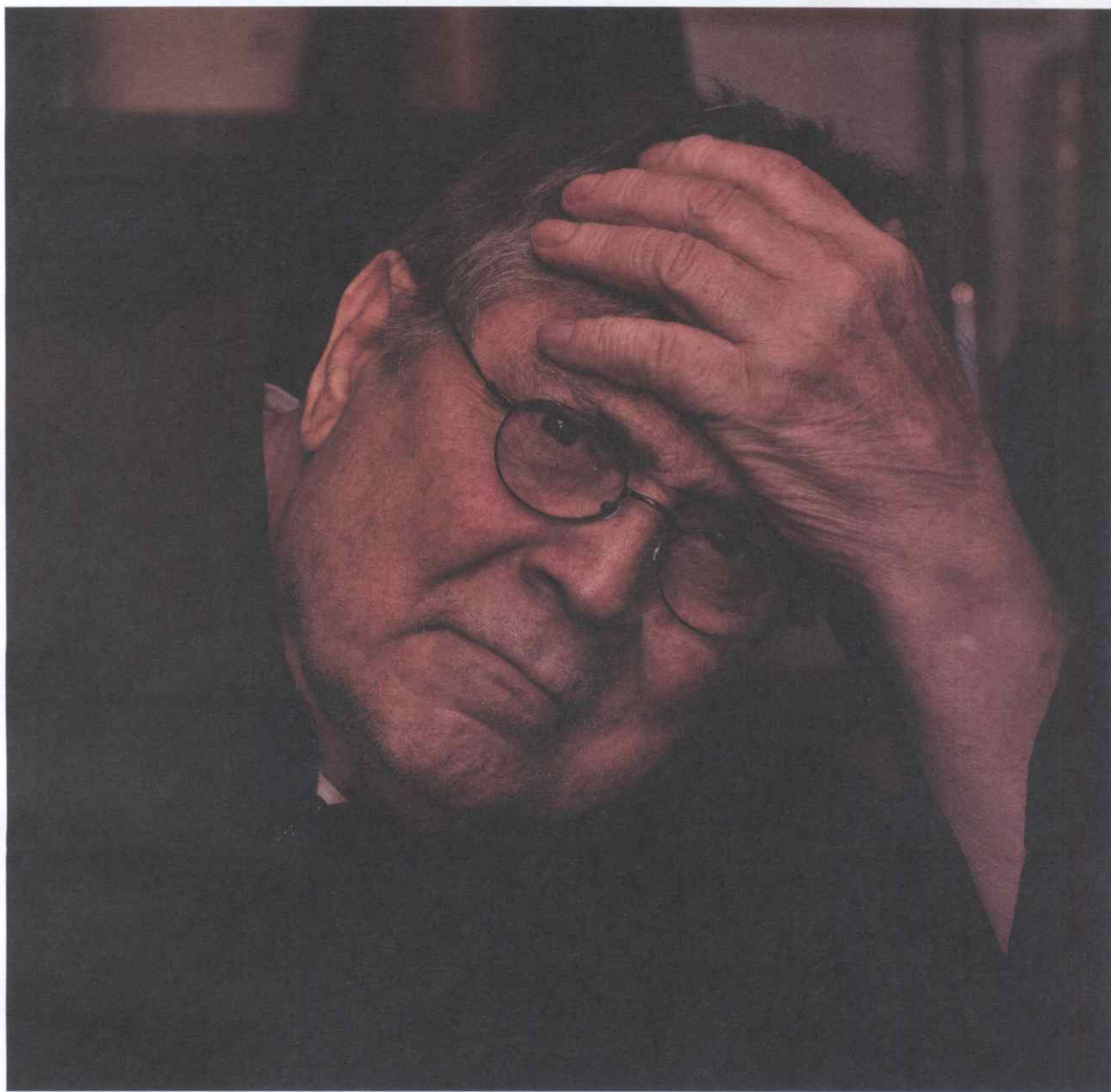
A relação entre sagrado e profano tem razão de ser na obra do dramaturgo. Natural da Cidade de São Paulo, Chico de Assis, nascido em 1933, foi interno do Colégio Diocesano São Luiz, em Bragança Paulista.

A formação católica da infância não chegou a produzir um sacerdote, mas o Brasil ganhou um prolífico dramaturgo e

professor. Chico de Assis acumula repertório de mais de 30 peças, é fundador e coordenador do Seminário de Dramaturgia do Arena e foi professor da FAAP (Fundação Armando Álvares Penteado) e da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo.

O interesse do autor pela dramaturgia despertou quando Chico foi *camera-man* na extinta TV Tupi de São Paulo, onde permaneceu até 1957. Foi na emissora também que montou sua primeira peça, “Os Óculos de Pedro Antão”, adaptação de uma obra de Machado de Assis. Na Tupi, escreveu também seu primeiro original, “Na Beira da Várzea”.

Graças a Chico, o público brasileiro conheceu melhor a literatura de cordel. O dramaturgo dedicou-se ao estudo desse gênero a ponto de publicar peças originárias do cordel.



GIRANDA DE TARITUBA

Baile popular em que as moças rodopiam suas saias longas de chita colorida e o mestre tocador indica movimentos durante a dança, a ciranda é a marca registrada do Grupo de Danças Folclóricas de Tarituba.

Mais conhecido como Ciranda de Tarituba, o grupo foi fundado por mestre Chiquinho em 1975, com a reunião de familiares e moradores do povoado caiçara de Paraty, no sul do Estado do Rio de Janeiro.

A Ciranda de Tarituba já lançou um disco de vinil, com apoio da Funarte (Fundação Nacional de Artes) e um livro-CD, com a ajuda de amigos e da Prefeitura Municipal de Paraty.

Como não poderia deixar de ser, a Ciranda de Tarituba já marcou presença na badalada FLIP (Festa Literária de Paraty). Em 2012, abriu o evento, representando as tradicionais festas locais e antecipando o show do cantor Lenine.

Ao tornar-se Ponto de Cultura, passou a oferecer aos jovens da comunidade de Paraty oficinas de música, dança e artesanato com o propósito de perpetuar danças centenárias, como cateretê, cana verde, tontinha, caboco véio, arara, caranguejo e chapéu, além da própria ciranda, claro.



ELIANE POTIGUARA

Foi de avó para neta. Eliane Lima dos Santos tornou-se escritora, segundo ela própria, graças às cartas que redigia, ditadas por sua avó, uma índia paraibana. Hoje, aos 64 anos, a escritora, poeta e professora Eliane Potiguara têm suas próprias histórias para contar. E não são poucas.

Ao longo de sua carreira, tem trabalhado para valorizar e disseminar a herança do povo indígena potiguar, do qual é descendente. Formada em Letras (Português e Literatura) e em Educação pela UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro), ganhou o prêmio literário do PEN CLUB da Inglaterra e do Fundo Livre de Expressão, dos Estados Unidos, com o livro-cartilha “A Terra é a mãe do índio”, que distribuía gratuitamente aos povos indígenas.

É autora também dos livros “Metade Cara, Metade Máscara”, pela Global Editora, e do infantil “O coco que guardava a noite”, pela editora Mundo Mirim.

Incansável, Eliane participou, durante uma década, da formulação da Declaração Universal dos Direitos Indígenas na ONU (Organização das Nações Unidas), em Genebra. Na mesma cidade, atuou também no Programa de Combate ao Racismo, do Conselho Mundial de Igrejas. A mesma disposição levou-a a criar a Rede GRUMIN de Mulheres Indígenas, primeira organização do gênero no Brasil, inspirada na saga de sua avó.

Com seu trabalho, Eliane acredita estar “transpondo barreiras, desafios, mares”. Seu espírito guerreiro a impele a defender os povos humildes, a tirar da invisibilidade os povos indígenas do país, principalmente as “sofridas mulheres”.



ESCOLA DE GENTE - COMUNICAÇÃO EM INCLUSÃO

Desde 2002, a organização não governamental Escola de Gente - Comunicação em Inclusão trabalha para que os conceitos e práticas de inclusão e sustentabilidade alcancem também milhões de pessoas com deficiência no mundo.

A Escola de Gente tem na comunicação sua estratégia para atuar no âmbito dos direitos humanos. Com a infância como prioridade, tem na juventude seu “agente de transformação”.

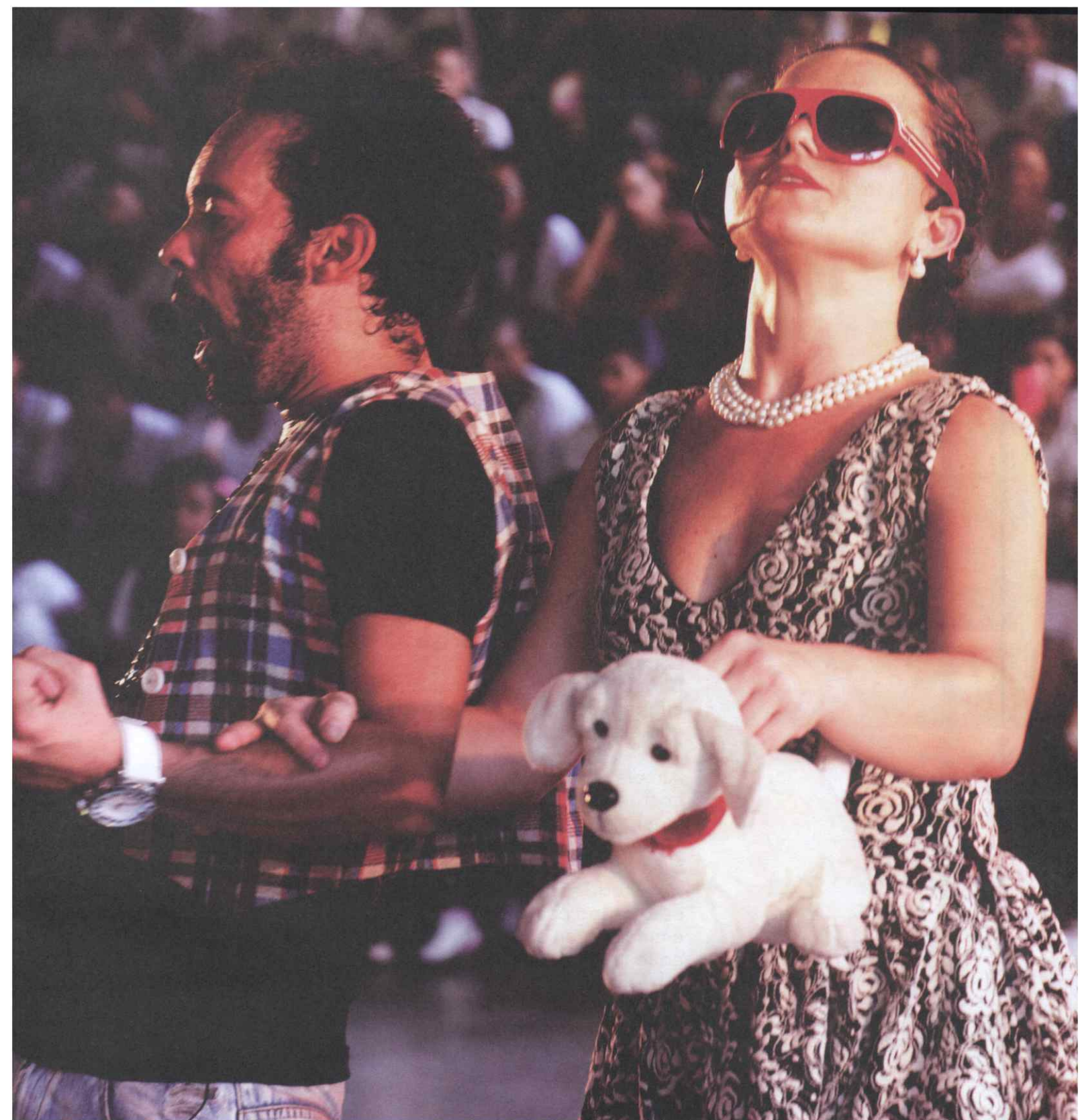
O leque de ações da Escola é abrangente. Entre seus principais programas, estão “Acessibilidade para a Sustentabilidade”, “Aliança por uma Sociedade Inclusiva Latino-Americana”, “Juventude pela Inclusão” e “Teatro Acessível - Arte, Prazer e Direitos”.

Amplo também tem sido seu alcance. A organização orgulha-se de apresentar resultados de peso: de 2002 a 2012, por exemplo, sensibilizou

mais de 410 mil pessoas de 16 países por um desenvolvimento inclusivo e sustentável.

Incluindo 2013 na conta, exhibe números ainda mais robustos: 32 mil livros sobre inclusão e direitos humanos distribuídos gratuitamente; participação em 550 eventos; atuação presencial em 13 países; 25 prêmios nacionais e internacionais; 6146 horas de formação para juventude em temas como inclusão, acessibilidade e direitos humanos. Não por acaso, participou da elaboração da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, da ONU (Organização das Nações Unidas).

A Escola de Gente, com sede no Rio de Janeiro, atua em todo o Brasil por meio de parcerias com agentes da sociedade civil, governos, Ministério Público da União, empresas, entre outras.



FUNDAÇÃO SANTA SARA KALI

Um grupo praticamente sem voz e invisível. Foi contra essa realidade e para atender aos anseios dos ciganos no Brasil que se estabeleceu, em 2003, a Fundação Santa Sara Kali.

Com a cigana Mirian Stanescon (foto) na presidência, a entidade tem procurado atender às necessidades dos ciganos e lutar contra a discriminação a esse povo. Na empreitada, enfrenta diversos desafios, como promover a educação para crianças ciganas e incluir a alfabetização delas em romanês, o idioma do povo cigano.

Almeja também aulas de costumes, danças e tradições ciganas para os estudantes ciganos. Outros objetivos na área do ensino incluem bolsas de estudo específicas para esse grupo nas universidades e cursos técnicos, entre eles educação digital.

No âmbito cultural, a Fundação, que já realiza eventos artísticos e rituais que disseminam a

cultura cigana e contribuem para sua compreensão, pretende criar um banco de dados sobre os ciganos e realizar feiras, palestras e shows. Na área social, a proposta é realizar o primeiro censo cigano do país, facilitar o acesso de ciganos ao mercado de trabalho e ensinar e defender os direitos desse segmento da população.

Em 2009, a Prefeitura de Nova Iguaçu, município do Rio de Janeiro, considerou a instituição como de utilidade pública. A luta continua.



GRUPO CENA 11 CIA. DE DANÇA

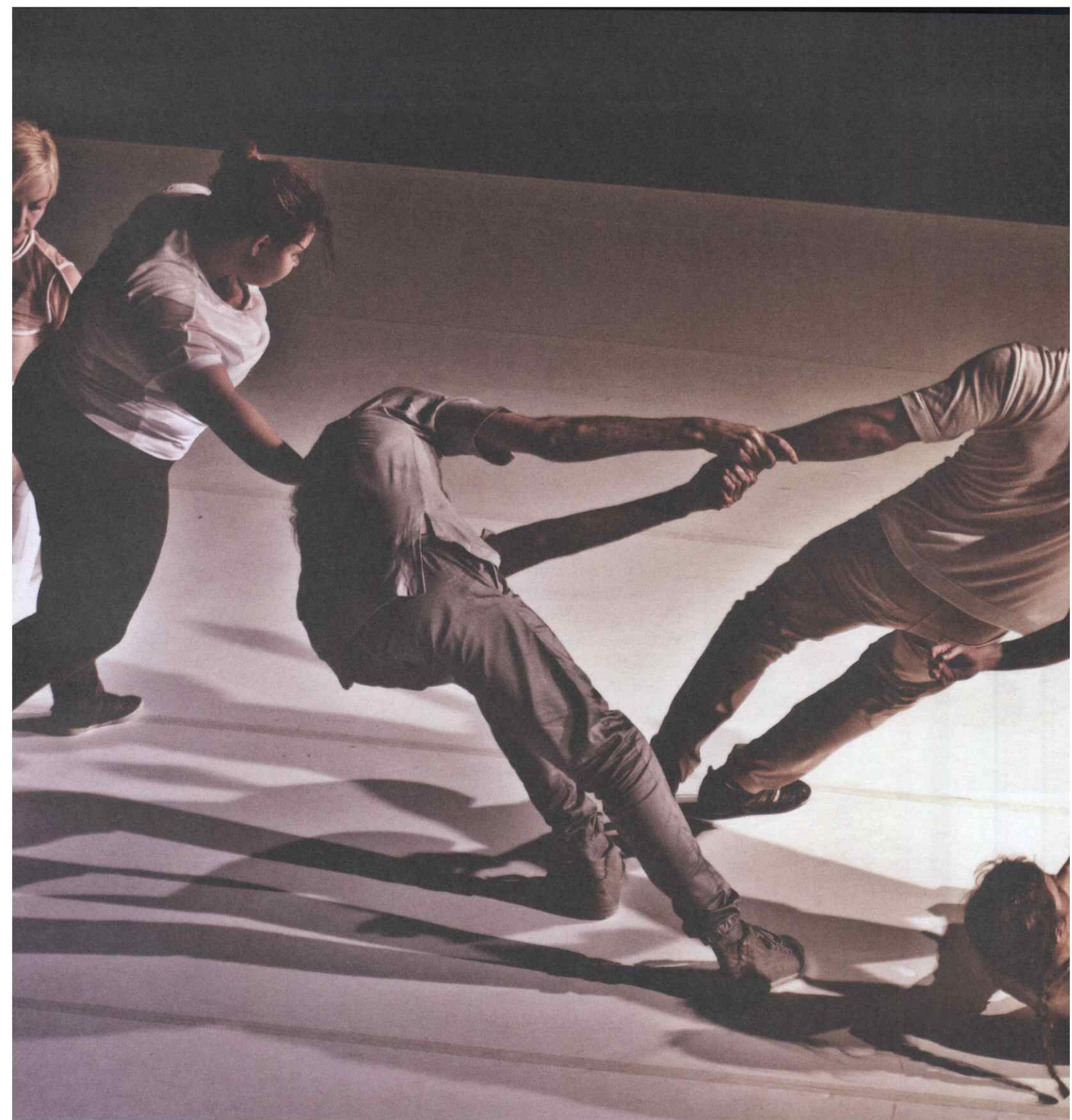
Conceitos éticos e estéticos sobre o corpo e o ambiente onde ele se insere, produção unida à pesquisa artística, dança e tecnologia, intercâmbio de estudo e prática com outros grupos de arte e dança são marcas distintivas do Grupo Cena 11 Cia. de Dança.

Fundado em 1993, com sede em Santa Catarina, o grupo apresentou-se ao público pela primeira vez no ano seguinte, com o espetáculo “Respostas sobre dor”, sob a direção do bailarino, coreógrafo e um dos fundadores da companhia, Alejandro Ahmed. Quatro anos depois, a trupe começou a atuar como companhia profissional.

De lá para cá, realizou uma série de apresentações por várias capitais do país e turnês no exterior. As coreografias têm em comum a exposição da distensão dos limites no corpo, o uso da tecnologia, além da integração com outras linguagens, como história em quadrinhos, robótica e videogame.

A proposta tem dado certo. O grupo vem acumulando numerosos prêmios, entre eles o de “Melhor Concepção Cênica”, da APCA (Associação Paulista de Críticos de Arte), em 1997, com o espetáculo “In’Perfeito”.

Com “Pequenas frestas de ficção sobre realidade insistente”, de 2007, conquistou o Prêmio Sergio Motta de Arte e Tecnologia, o Prêmio Bravo! Prime de Cultura na categoria Melhor Espetáculo de Dança e o APCA de Pesquisa em Dança.



HERMANO VIANNA

Antropólogo, curador e criador de televisão. É como ele próprio se define. Mestre e doutor em Antropologia Social, Hermano Vianna tem cadeira cativa nos veículos de comunicação tradicionais e no mundo virtual.

Articulista semanal do jornal O Globo, Vianna já escreveu para outros periódicos e atualmente se dedica ao programa “Esquental”, da Rede Globo, apresentado por Regina Casé e do qual é criador e redator. Desde 2013, com três parceiros, apresenta o semanal “Navegador”, na Globonews.

Vianna tem no currículo extensa lista de programas e documentários bem-sucedidos, como “Brasil Legal”, “Programa Legal” e “Central da Periferia” – todos exibidos na TV Globo – e os documentários “African Pop”, exibido na extinta Rede Manchete, “Além-Mar”, na GNT, “Baila Caribe!”, na TV Cultura, “Folia na Bahia” e “Música do Brasil”, ambos na MTV Brasil.

Autor dos livros “O Mundo do Funk Carioca” e “O Mistério do Samba”, Vianna dedica-se também a consultorias musicais e à curadoria de festivais de música e cultura.

O paraibano foi também um dos pioneiros do chamado jornalismo-cidadão no Brasil. Com o propósito de mapear a cultura do país, criou o site “Overmundo”, vencedor do *Golden Nica* em 2007, na categoria Comunidades Digitais. O prêmio é concedido pela Ars Electronica, de Linz, na Áustria, um dos maiores centros mundiais de arte e tecnologia.

Quem já desconfia pode ter certeza: Hermano Vianna é, sim, irmão do músico Herbert Vianna, da famosa banda Os Paralamas do Sucesso.



JENNER AUGUSTO IN MEMORIAM

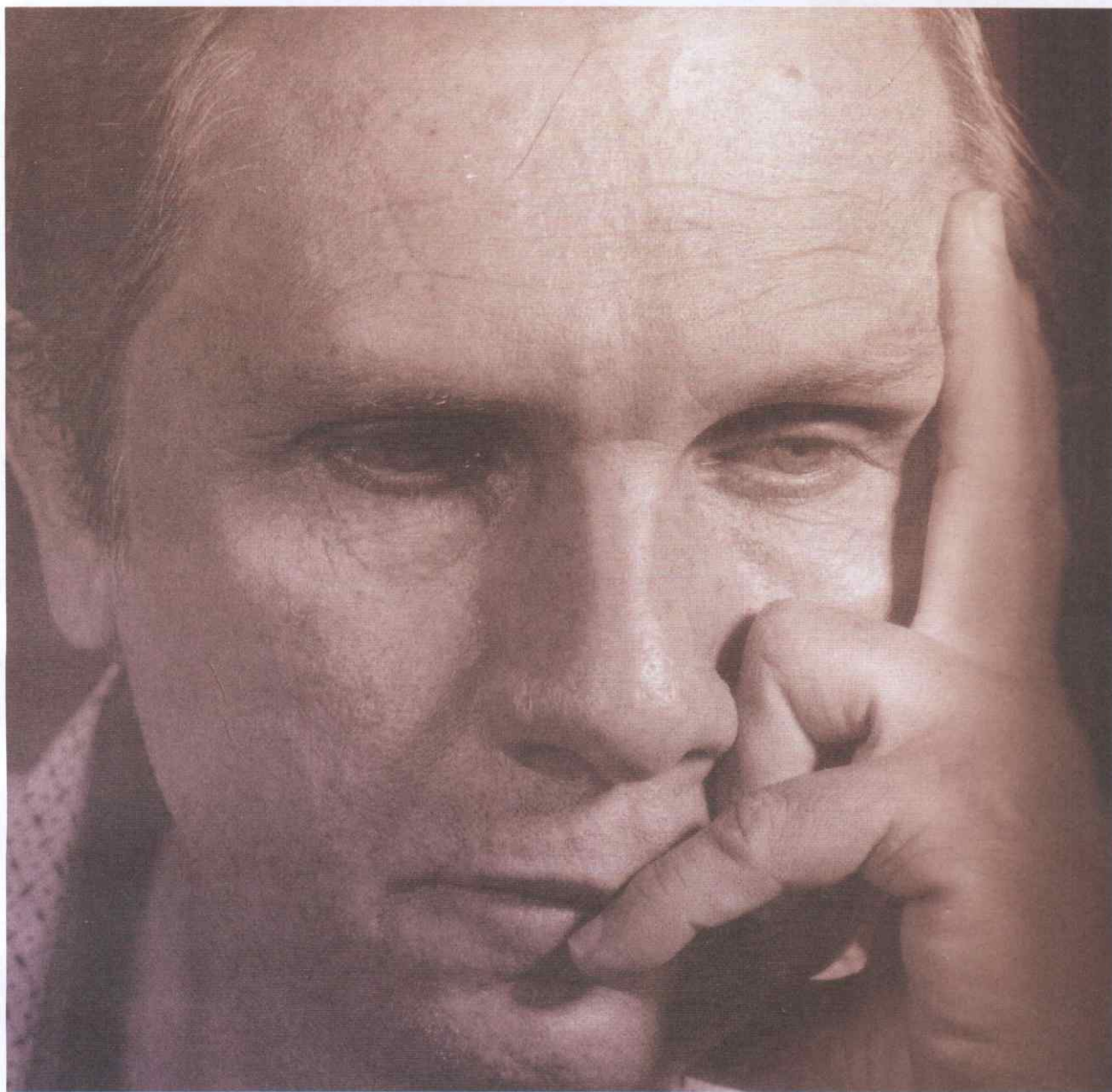
Versátil. Talvez seja esse o adjetivo mais adequado para qualificar o pintor, cartazista, ilustrador, desenhista e gravador sergipano Jenner Augusto, morto em 2003.

Jenner deu início à carreira de artista com a criação de cartazes para o cinema, lá pelos idos de 1940. Em 1945, já realizava sua primeira exposição individual. Engana-se quem pensa que o princípio de sua trajetória foi fácil: na mostra, vendeu apenas um quadro. Felizmente, o insucesso de venda não o desanimou. Dias melhores viriam.

Em 1948, Jenner interessou-se pelo Modernismo e pintou um mural decorativo no bar Cacique, em Aracaju, com forte influência de Portinari. No ano seguinte, fixou-se em Salvador, onde conheceu artistas locais e trabalhou como assistente no ateliê de Mário Cravo Júnior. Era o impulso que faltava para sua interessante trajetória.

Um dos marcos de sua carreira seria a participação, com Lygia Sampaio e Rubem Valentim, na polêmica mostra Novos Artistas Baianos, realizada em 1950 no Instituto Histórico e Geográfico da Bahia.

Em viagem ao Rio de Janeiro, na mesma época, para expor individualmente, conheceu ninguém menos que Cândido Portinari e José Pancetti, que o recomendaram à crítica e aos colecionadores. A partir daí, realizaria uma série de exposições de êxito no Brasil e no exterior e chegaria a ilustrar o livro "Tenda dos Milagres", de Jorge Amado. Faleceu em Salvador, terra que tão bem o acolheu.



JOSÉ MEIRELLES

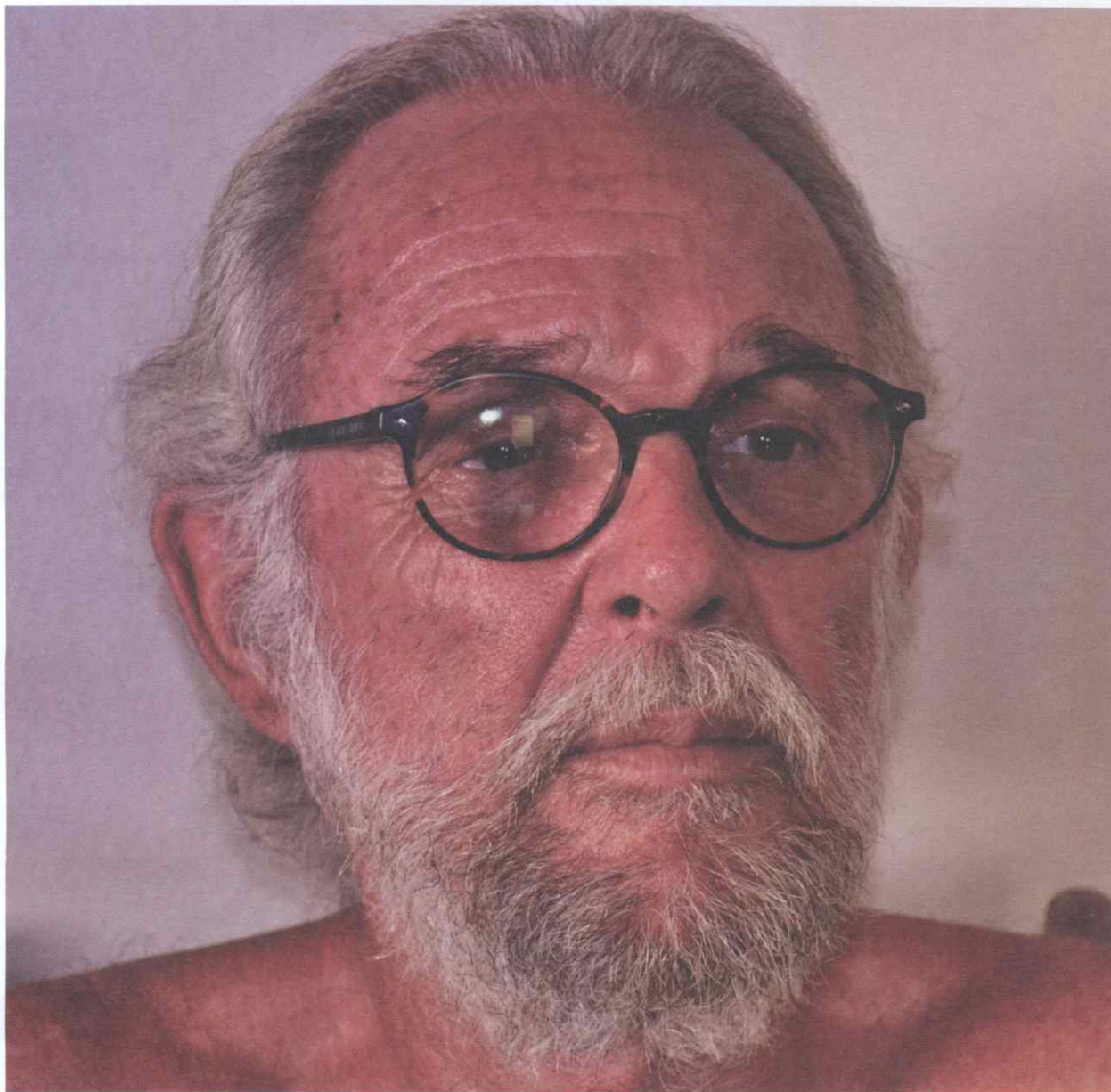
Aos 22 anos de idade, José Carlos dos Reis Meirelles Júnior ingressou na FUNAI (Fundação Nacional do Índio) como técnico indigenista, e a “luta pelo território e pelo respeito à diversidade étnica dos povos indígenas no país” se tornaram suas bandeiras.

Meirelles trabalhou com os índios Kaapor no Maranhão e com os Jaminaua e Manchineru no rio Iaco, no Acre. Em 1973, fez os primeiros contatos com o povo Awá-Guajá, que habita a região noroeste do Maranhão e preserva o estilo de vida tradicional, sobrevivendo de caça e coleta de frutos.

O incansável defensor da causa indígena participou da elaboração da nova política para índios isolados e criou a Frente de Proteção Etnoambiental Envira, onde permaneceu até 2010, quando deixou a FUNAI.

Atualmente, aos 66 anos de idade, Meirelles continua a se dedicar à questão dos índios.

Trabalha no Governo do Estado do Acre principalmente com a questão dos povos isolados, é colaborador da Comissão Pró-Índio do Acre e ainda participa do Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia (PNCSA), que pretende “dar ensejo à autcartografia dos povos e comunidades tradicionais na Amazônia”.



JÚLIO MEDAGLIA

Ao ser eleito por unanimidade, em 2009, para a Academia Paulista de Letras, onde ocupa a cadeira que pertenceu a Mário de Andrade, o maestro Júlio Medaglia obteve reconhecimento formal por seus cinco livros e mais de 500 artigos publicados. É na música, porém, que o artista se destaca ainda mais.

“A música é a expressão da alma que joga com mais intensidade com os extremos de nossa personalidade: emoção e razão. Por isso, seu universo é gigantesco e a responsabilidade que ela nos cria é imensa”, teoriza.

E pensar que o consagrado maestro começou a tocar por casualidade... Segundo ele, “puro acidente”. Uma empregada da família o presenteou com um violino infantil. Daí em diante, a música não o deixaria mais.

Medaglia formou-se em regência sinfônica na Alemanha. Estudou também com Sir John Barbirolli,

um dos mais respeitados maestros do século 20, de quem viria a ser assistente.

Na década de 1960, revelou-se em outro gênero. Foi o autor do arranjo da canção “Tropicália”, de Caetano Veloso, a qual marcou o início do Tropicalismo. Comporia, ainda, trilhas sonoras para cinema, teatro e TV. Foi nesse segmento, aliás, que conquistou prêmios como o de Melhor Trilha Sonora no Festival de Cinema de Gramado e o de Melhor Ator Coadjuvante pela Associação Paulistas de Críticos de Arte.

No final dos anos 1990, o maestro ganhou as manchetes do Brasil e do mundo ao montar uma orquestra em plena Floresta Amazônica.

Há 27 anos, Medaglia está à frente de um programa diário na Rádio Cultura, é regente convidado dentro e fora do país e ainda encontra tempo para desenvolver projetos culturais.



MANO BROWN

O nome de Pedro Paulo Soares Pereira pode soar como o de qualquer brasileiro, mas pronunciar seu nome artístico faz toda a diferença. Pedro é ninguém menos que Mano Brown, *rapper*, vocalista e líder do grupo paulistano de rap Racionais MC's.

Mano Brown escolheu o nome artístico em homenagem ao cantor americano James Brown. Com seu amigo Paulo Eduardo, o Ice Blue, Mano fazia rap por brincadeira. Ao conhecerem Edivaldo Alves e Kleber Simões, o Edi Rock e o KL Jay, e tocarem com eles, essas vozes da periferia de São Paulo ganharam nova força e forma: o Racionais MC's. Com o grupo, que celebra seus 25 anos, Mano Brown gravou seis discos.

Autor de canções como "Vida Loka I", "Vida Loka II", "Diário de um Detento", "Jesus Chorou", "Fórmula Mágica da Paz", "Homem na Estrada", "Fim de Semana no Parque", entre tantas outras, Mano Brown é também

reconhecido por sua postura arrojada e comprometida com questões sociais.

Suas composições tratam de temas sempre atuais. Elas lembram que o tempo passa, mas a realidade na favela ainda é cruel. O primeiro trabalho solo de Mano Brown, com lançamento previsto para breve, tem influências do *soul* e do *funk* americano da década de 1980.



MARISA MONTE

Adolescente, ela queria ser cantora de ópera. Chegou a estudar canto lírico no Brasil e na Itália, mas não tardaria a descobrir sua versatilidade musical. A cantora e compositora carioca Marisa Monte aprecia samba, MPB, *rock, pop, jazz, blues*, entre outros gêneros e ritmos.

Discreta na atitude, Marisa se mostra segura nos palcos. É assim desde quando se apresentava em bares do Rio de Janeiro e de Roma. Foi na Itália, aliás, que o produtor musical Nelson Motta a ouviu cantar. Era o impulso que faltava para a artista soltar a voz profissionalmente no Brasil e no mundo.

O primeiro disco viria em 1989: "MM", gravado ao vivo, reunia Bossa Nova, *blues, funk, jazz, rock, samba, soul*. Marisa explodiu nas paradas de sucesso em todo o Brasil, especialmente com a faixa "Bem que se Quis".

A marca de cantora e compositora eclética se confirmaria no álbum seguinte: "Mais", de 1991, que teria venda superior à do primeiro. O próximo, "Cor de Rosa e Carvão", marcou o início da parceria com Carlinhos Brown. A essa altura, já alcançara prestígio internacional: o CD "Barulhinho Bom" é resultado de turnê no exterior.

"Tudo Azul", baseado na história da Velha Guarda da Portela, foi novo êxito da cantora, e "Memórias, Crônicas e Declarações de Amor", de 2000, vendeu mais de um milhão de cópias e faturou um Grammy Latino de Melhor Álbum Pop.

Em 2002, Marisa lançou, com Carlinhos Brown e Arnaldo Antunes, "Tribalistas", cujas vendas superaram um milhão de cópias só no Brasil.

Com mais de 20 anos de carreira e milhões de discos vendidos, prêmios e público fiel, Marisa Monte já tem lugar cativo na história da música brasileira.



MATHEUS NACHTERGAELE

“Nós, artistas, somos a tentativa de um espelho possível para nosso tempo, para nosso país, para nossa gente”, teoriza o prolífico ator, diretor e roteirista Matheus Nachtergaele.

São mais de 20 anos de intensa atuação nas artes cênicas. Nachtergaele iniciou-se na carreira teatral com o cultuado diretor paulista Antunes Filho em 1989. No ano seguinte, ingressou na Escola de Arte Dramática da USP (Universidade de São Paulo) e logo estreou nos palcos profissionalmente.

O reconhecimento viria em 1996, com o espetáculo “Livro de Jó”, da Companhia Teatro da Vertigem, que lhe rendeu o Prêmio Shell e o Prêmio Mambembe de Melhor Ator.

Nachtergaele ganhou duas vezes o prêmio de melhor ator no Grande Prêmio Cinema Brasil da Academia Brasileira de Cinema, respectivamente pelos filmes “O Primeiro Dia”, de 1998, e “O Auto da Compadecida”, de

2000. Em 1999, a Associação Paulista de Críticos de Arte concedeu-lhe o Troféu APCA de melhor ator por seu trabalho como João Grilo na minissérie “O Auto da Compadecida”.

O ator também dirigiu e roteirizou, em 2008, seu premiado longa-metragem “A Festa da Menina Morta”. Mas é com atuações em cerca de 30 longas-metragens e incorporando personagens marcantes em minisséries e telenovelas, como o Cintura Fina, da minissérie “Hilda Furacão”, de 1998; o João Grilo, de “O Auto da Compadecida”, de 1999; o Carreirinha, da telenovela “América”, de 2005; e Miguezim, da telenovela “Cordel Encantado”, de 2011; entre tantos outros, que Nachtergaele conquistou de vez a simpatia do grande público.



MESTRE TIÃO OLEIRO

Centenário ao pé da letra. O potiguar Sebastião João da Rocha, mais conhecido como Tião Oleiro, nasceu em Ceará Mirim há 100 anos. Começou a brincar congada nos Congos de Saiote, com seu pai, o mestre João José da Rocha, quando iam juntos para a roça. O congo é um jogo popular que faz referência às lutas medievais.

Quando seu pai deixou o comando do Congo, Tião Oleiro assumiu seu lugar e, desde então, conduz várias gerações no folgado.

Sua infância se passou dentro das bagaceiras do engenho Guanabara, observando os mais velhos trabalharem e, assim, aprendeu o ofício.

Começou a tocar sozinho. Pegava escondido o fole do irmão e ensaiava. Devagar, começou a tirar os primeiros acordes.

Seu primeiro baile foi com um amigo. No meio da festa, o companheiro deixou-o tocando

sozinho. Esse foi o pontapé para a carreira musical. Daí começou a tocar nas festas do povoado de Palmeiras, onde era realizado um Pastoril. Hoje, mestre Tião afirma: "Sou feliz e morro satisfeito por ter preservado esse brinquedo".

Mas a frase que realmente sintetiza sua vida é o pequeno trecho de uma canção dele próprio: "Embarca marujo de Rei Cariongo, para batalha de Vila de Congo. Embarca marujo, que vamos embarcar, o rei da Turquia mandou nos chamar." O rei Cariongo é o próprio Tião, e a batalha, a luta pela preservação de seu brinquedo por tanto tempo.



OGAN BANGBALA

Ogan (ou Ogã) é o nome que se dá a determinadas funções masculinas dentro de um terreiro de candomblé. Tanto na língua iorubá quanto na jeje, o termo refere-se a “chefe” ou “pessoa superior”. É o escolhido para estar lúcido durante os rituais religiosos.

Luiz Ângelo da Silva, o Ogan Bangbala, dedica-se, há mais de 70 anos, a preservar e difundir o candomblé e a defender, com a experiência de seus 95 anos de vida, as tradições de matriz africana.

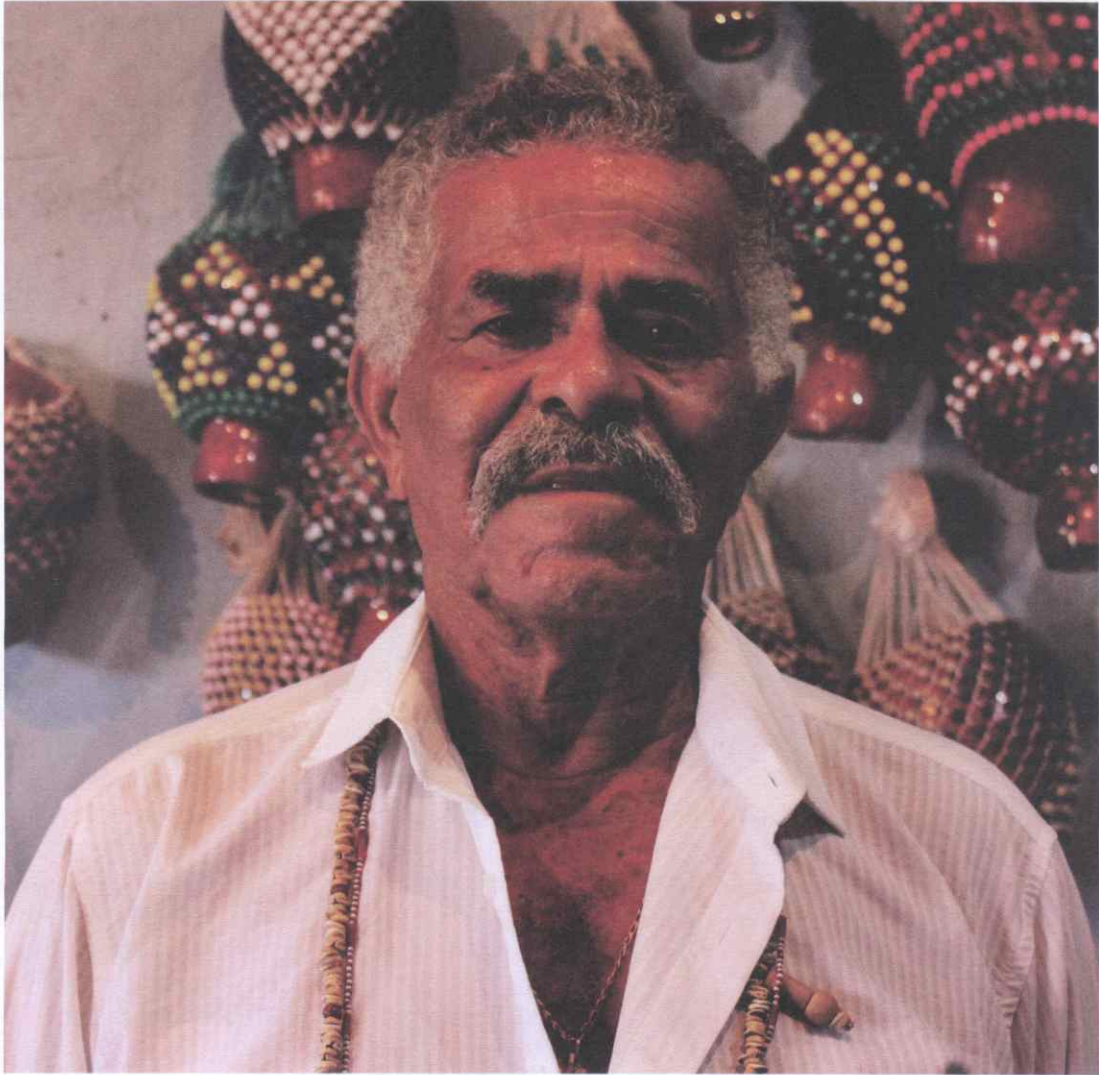
Profundo conhecedor do ritual fúnebre, o axexê, Bangbala é o mais antigo ogan de candomblé vivo no Brasil. Por isso, casas de religião de matriz africana de todo o país o convidam, pelo menos uma vez por mês, para realizar o axexê.

Bangdala fabrica na própria casa instrumentos musicais empregados nos rituais, como xequerês e atabaques. Já gravou mais de 30 CDs com

cânticos de candomblé em iorubá, no qual é fluente.

Entre suas atividades, está também ministrar oficinas de percussão e canto para os jovens ogans de sua religião, transmitindo seu conhecimento ancestral.

“Estar hoje aposentado pela saúde e trabalhando em prol da minha religião, aos 95 anos de idade, só me traz dignidade. Deus, Olorum, Xangô e Oxum já fizeram por mim mais do que eu merecia.” Pelo menos quanto a seu merecimento, eis algo de que seus admiradores certamente discordam dele.



ORLANDO SENNÁ

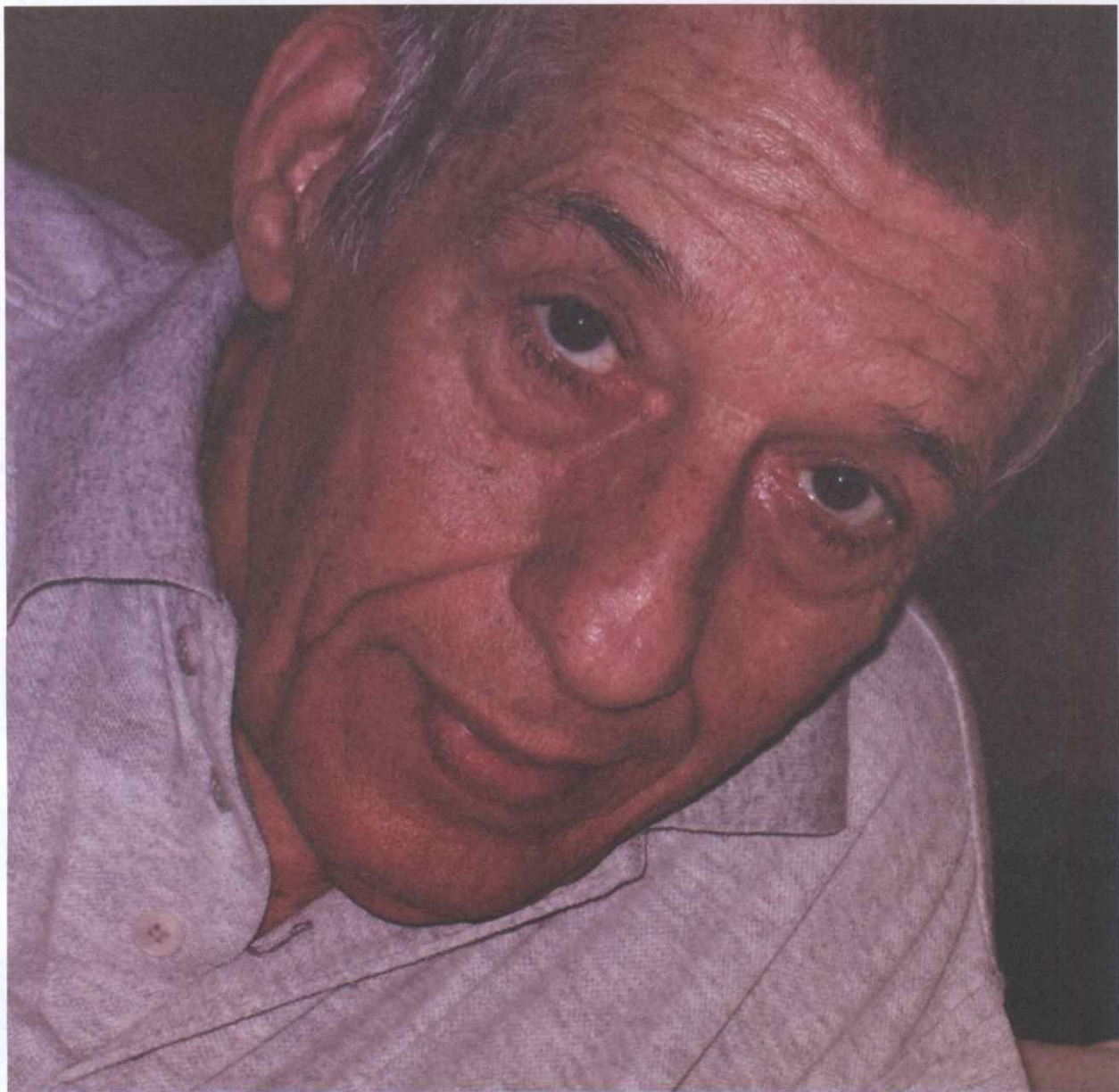
O dia de Orlando Senna deve ter mais de 24 horas. Cineasta, escritor e jornalista, ele já dirigiu 30 espetáculos teatrais, entre Bahia, São Paulo e Rio de Janeiro. Foi roteirista e diretor ou codiretor de vários filmes, entre eles “Diamante Bruto”, “Brascuba”, “Iracema - Uma Transa Amazônica” e “Gitirana”.

Pelo caráter inovador de “Iracema - Uma Transa Amazônica”, de 1974, recebeu o prêmio Georges Sadoul, no Festival de Paris, e o Grimme-Preiss, no Festival de Berlim. Seus filmes também mereceram lãureas em festivais como o de Cannes (França), Taormina (Itália), Pésaro (Itália), Havana (Cuba), Brasília e Rio de Janeiro.

Além do teatro e do cinema, Senna encontrou tempo para escrever livros, como “Xana”, “Ares Nunca Antes Navegados”, “Máquinas Eróticas”, “Um Gosto de Eternidade” e “Os Lençóis e os Sonhos”.

Foi ainda um dos fundadores e diretor da Escola Internacional de Cinema e Televisão de San Antonio de los Baños, em Cuba; secretário nacional do audiovisual do Ministério da Cultura; e diretor geral da TV Brasil. Atualmente, preside a TAL (Televisión América Latina) - rede de comunicação que difunde a produção audiovisual da América Latina.

Aos 74 anos, Senna permanece um entusiasta das artes: “Meu trabalho envolve as artes literárias, cênicas e audiovisuais, que para mim compõem um mesmo universo, apesar das diferenças de composição e apreensão de cada uma delas, e meu interesse central é realizar aproximações inéditas com a vida e o imaginário, trilhar caminhos ainda não percorridos”.



OSKAR METSAVAHT

Considerado pela revista *Fast Company* a quarta pessoa mais inovadora do Brasil e uma das 100 pessoas de negócios mais criativas no mundo, Oskar Metsavaht não deve se arrepender de ter trocado a Medicina pelo setor de moda.

Gaúcho de Caxias do Sul, Oskar Metsavaht mudou-se para o Rio de Janeiro disposto a estudar na UFRJ. O gosto por esportes de aventura levou-o a produzir roupas para frio extremo, usadas em expedições, com a abertura de uma loja em Búzios, litoral norte fluminense, no final da década de 1980.

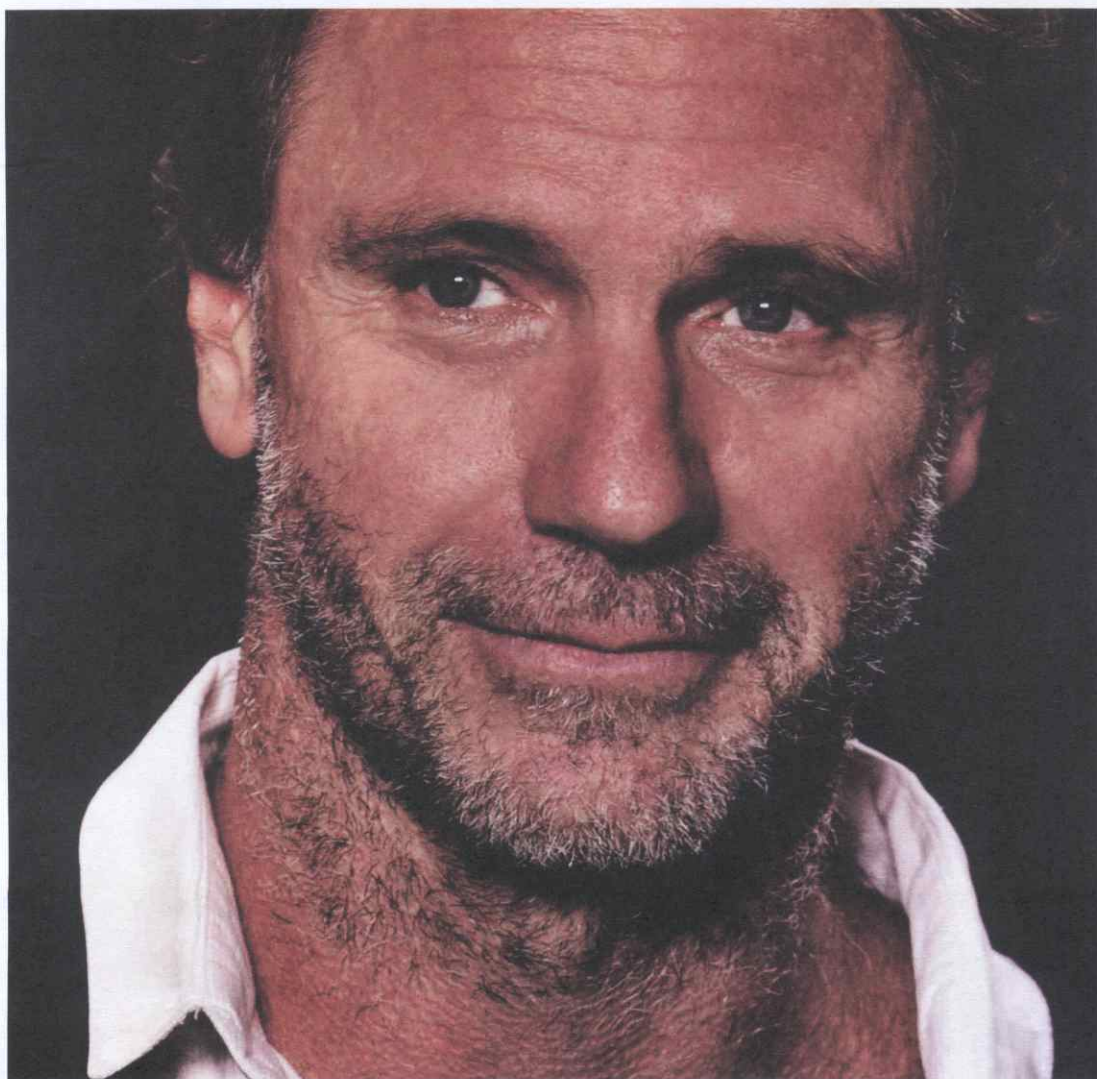
Utilizando tecidos de alta tecnologia, além dos casacos, passou a vender mochilas, camisetas e bermudas pela marca de roupas Osklen. Como fundador e diretor criativo da grife, ele afirma que sua inspiração vem da junção do dinamismo da cidade e da beleza da natureza brasileira para criar um estilo de roupas sofisticado e, ao mesmo tempo,

despojado. Atualmente, a marca tem mais de 50 lojas no Brasil e no exterior, em cidades como Nova York, Miami, Milão e Roma.

Metsavaht também já realizou trabalhos com fotografia, projetos de marca (*branding*) e de arte, além de documentários. É membro do Conselho de Economia Criativa e Desenvolvimento Sustentável da Cidade do Rio de Janeiro e integra o conselho do Instituto Inhotim.

Em 2011, recebeu o título de Embaixador da Boa Vontade da Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura). No mesmo ano, a Osklen recebeu o título de “marca de luxo emergente do ano”, em Londres (Inglaterra).

Convidado pela Unesco, no ano seguinte, para ser o representante oficial da Rio+20 e do Instituto E - criado por ele e voltado à promoção da sustentabilidade -, idealizou o Premio E, que visava celebrar iniciativas socioambientais desenvolvidas nos últimos 20 anos - desde a ECO-92.



PALHAÇO GAFANHOTO

Em 1926, veio à luz, em uma família circense, o paulistano Henricredo Coelho. Aos cinco anos de idade, ele já acompanhava a família no Circo Irmãos Queirolo, sob o codinome “Palhaço Gafanhoto” – a primeira das muitas funções que exerceria no circo.

Foi sob tendas coloridas que Tio Quilim, como também ficou conhecido, teve aulas de maquiagem, canto e costura e tornou-se ator, acrobata e trapezista. Agora, soma mais de 80 anos de arte e habilidade em entreter crianças e adultos por trás do figurino de palhaço.

Fez parte também do grupo Cinco Diabos Brancos, que o levou a apresentações em várias capitais brasileiras. Na década de 1960, participou dos programas de televisão Cirquinho Canal 6, de Curitiba, Paraná, e do Programa do Capitão Furacão, no Canal 12 (atual RPC).

O Palhaço Gafanhoto viveu a época de ouro dos circos antes do avanço do cinema e da chegada dos televisores às casas brasileiras. Aposentado pelo antigo Departamento Estadual de Estradas de Rodagem, ele realiza, atualmente, com muita satisfação, apresentações voluntárias como palhaço para crianças e idosos. Parece que fazer rir não envelhece.



PATRÍCIA PILLAR

“O que me encanta na profissão é a chance de contar boas histórias, de buscar o desconhecido em mim, o novo, o ainda não visitado.” E Patrícia Pillar mergulha nessas histórias como poucos. Seja no papel de vilã, seja no de heroína, figura entre as atrizes mais talentosas de sua geração.

Natural de Brasília, mudou-se para o Rio de Janeiro aos 14 anos de idade e, ainda jovem, começou a estudar teatro na escola O Tablado. cursou Jornalismo, mas logo optou pela carreira de atriz.

Estreou nos palcos em “Os Banhos” em 1981. Três anos depois, estrelaria no cinema em “Para Viver um Grande Amor”. Em 1985, teria sua primeira personagem na TV: a atriz Linda Bastos, na novela “Roque Santeiro”.

Com mais de 20 telenovelas e outros programas de TV no currículo, Patrícia Pillar teve um de seus melhores momentos

como a vilã Flora, na novela “A Favorita”, de 2008, a qual lhe rendeu vários prêmios, entre eles o de melhor atriz pela APCA (Associação Paulista de Críticos de Arte).

No cinema, destaca-se sua participação em “O Quatrilho”, de 1995, indicado ao Oscar de Melhor Filme Estrangeiro, e em “Zuzu Angel”, de 2006, quando interpretou a estilista brasileira em busca do filho desaparecido na ditadura militar.

Fã do cantor Waldick Soriano, dirigiu o DVD “Waldick Soriano Ao Vivo”, de 2007, e o documentário “Waldick, Sempre no Meu Coração”, de 2008.

Em 2014, aos 50 anos, brilhou mais uma vez como atriz, em duas minisséries da TV Globo: “Amores Roubados” e “O Rebu”. E o ano ainda não acabou...



PAULO MARTINS IN MEMORIAM

Ele é considerado o Embaixador da Cozinha Amazônica. Paulo Martins, nascido em Belém do Pará em 1946, formou-se em Arquitetura, mas logo abandonou a profissão para dedicar-se ao restaurante “Lá em Casa”, que abriu com sua mãe, Anna Maria, talentosa quituteira, em sua cidade natal.

Mesmo sem ter estudado Gastronomia, Martins foi pesquisador atento. Apresentou e divulgou ingredientes e formas de preparo da cozinha amazônica para estudantes e *chefs* do Brasil e de outros países.

O empenho do mestre contribuiu para que ingredientes típicos do Norte do país, como o tucupi, o jambu e a pimenta de cheiro, se tornassem conhecidos em todo o Brasil e entrassem no cardápio de diversos restaurantes país afora.

Martins ainda colaborou para a valorização dos ingredientes e da cultura alimentar brasileira. Seu trabalho rendeu-lhe

vários prêmios e convites para participar de festivais e ministrar cursos. Idealizou e realizou por seis edições o Festival Ver-o-Peso da Cozinha Paraense, que em 2014 completa 13 anos. A frase “o tucupi será o shoyu do século 21” lhe é atribuída, com muita justiça. O *chef* faleceu em 2010, após conquistar célebres admiradores do mundo da gastronomia, como o prestigiado Alex Atala.



PINDUCA

Neste ano, o IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) declarou o carimbó Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil. O gênero musical de origem indígena tem, como uma de suas maiores referências, o cantor, produtor e diretor musical paraense Aurino Pinduca Quirino Gonçalves, mais conhecido como Pinduca.

“Das nossas raízes e do som dos tambores, nasceu o carimbó, que é meu orgulho”, derrete-se o artista. Não à toa. Entre as várias honrarias que já recebeu, está uma medalha da Ordem do Mérito Cultural, na classe de Cavaleiro, entregue pelo ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva. Desta vez, Pinduca será promovido à classe de Comendador.

Entre 1973 e 2012, o cantor gravou 34 discos. Recebeu dois Discos de Ouro: um por alcançar a venda de 100 mil cópias e outro pelos 2 milhões de discos vendidos do início de sua carreira até 1986. Também

produziu discos de cantores paraenses, como Ted Max, Mauro Cotta, Francis Dalva, Alípio Martins, Carlos Santos, Beto Barbosa, Mário Gonçalves.

Aos 77 anos, Pinduca orgulha-se de já ter realizado shows em todo o Brasil e países da América Latina, África e Europa, assim como de ter se apresentado nos principais programas de auditório brasileiros, como de Sílvio Santos, Chacrinha, Bolinha, Gugu, entre outros.

E não foi só na TV. Na rádio Atitude, de São Paulo, Pinduca apresentou programa ao lado de Ana Maria Braga e o Louro José, transmitido para todo o Estado do Pará.



VANGE LEONEL

IN MEMORIAM

Foi um top hit nas rádios de todo o Brasil. “Noite Preta”, tema da telenovela “Vamp”, da Rede Globo, levou sua coautora e intérprete, Vange Leonel, ao topo das paradas de sucesso em 1991.

Antes, o talento da artista já se manifestara nas bandas Fix-Pá e Nau, integrantes da geração pós-punk paulista na década de 1980. Mas foi mesmo a partir dos anos 1990, quando se dedicou à carreira solo, que a cantora alcançou os primeiros lugares das paradas musicais.

A despeito do estrelato, Vange Leonel, nascida Maria Evangelina Leonel Gandolfo, acabou deixando a música em segundo plano para dedicar-se ao ativismo lésbico no final da década de 1990. Passou a escrever colunas para o público lésbico na revista Sui Generis e no site Mix Brasil. De 2001 a 2010, assinou a coluna GLS na Revista da Folha, encarte dominical do jornal Folha de S. Paulo. De 2011 a

2013, teve coluna também na revista Fórum, além de fazer contribuições em outras publicações brasileiras.

Vange dedicou-se, ainda, à redação de peças teatrais e livros com a temática homossexual. “Ninguém conseguirá me ofender me chamando por nomes que significam apenas o meu amor por outra mulher”, afirmou certa vez.

O reconhecimento por seu ativismo transcende a vida da própria artista, que faleceu em julho deste ano, aos 51 anos de idade, vítima de câncer no ovário. Em agosto passado, a Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República e a Secretaria de Políticas para as Mulheres homenagearam Vange Leonel no Dia Nacional da Visibilidade Lésbica. A Ordem do Mérito Cultural corrobora esse reconhecimento.



WASHINGTON NOVAES

Um dos pioneiros do jornalismo ambiental, o paulista Washington Novaes tem longa carreira como repórter, editor, diretor e colunista de numerosas publicações brasileiras, como Folha de S. Paulo, Última Hora, Veja, entre outras.

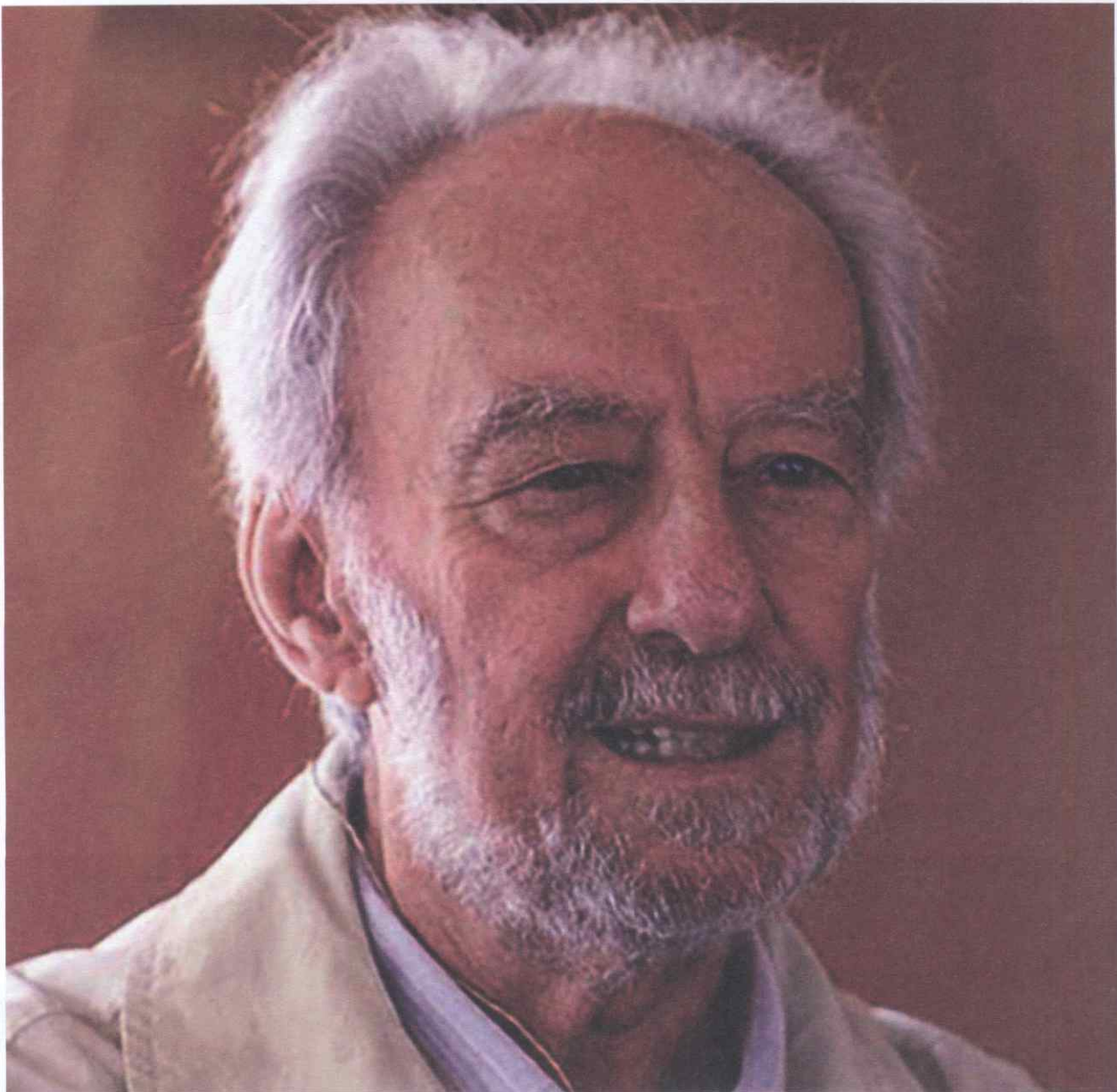
Na televisão, foi editor-chefe do Globo Repórter e editor do Jornal Nacional, da TV Globo. Atuou também como comentarista das Redes Bandeirantes e Manchete e do Globo Ecologia. O resultado de seu trabalho rendeu-lhe prêmios nacionais e internacionais.

Como produtor independente, Novaes dirigiu as séries “Xingu – a terra mágica”, “Kuarup”, “Pantanal” e “Xingu – a terra ameaçada”.

Secretário de Meio Ambiente Ciência e Tecnologia do Governo do Distrito Federal entre 1991 e 1992, Novaes incursionou também pela literatura. Tem vários livros publicados, entre eles “Xingu” e “A quem pertence a informação”.

Seu prestígio nas áreas às quais mais se dedicou levou-o a ser consultor do “Primeiro Relatório Brasileiro para a Convenção da Diversidade Biológica” e dos “Relatórios sobre Desenvolvimento Humano”, da ONU, de 1996 a 1998.

Com destaque no segmento de audiovisual, documentarista e produtor independente de TV, Washington Novaes continua a dedicar-se aos temas ambientais e aos povos indígenas. Atualmente, é colunista dos jornais O Estado de São Paulo e O Popular, além de consultor de jornalismo da TV Cultura.



AGRACIADOS EDIÇÕES ANTERIORES

1995

Antonio Carlos Magalhães Peixoto
Fernanda Montenegro
Celso Furtado
Joãozinho Trinta
Jorge Amado Leal de Faria
José Ephem Mindlin
José Sarney
Manoel Francisco do Nascimento Brito
Nise Magalhães da Silveira
Oscar Niemeyer
Pietro Maria Bardi
Ricardo Acedo Gribel
Roberto Marinho

1996

Bibi Ferreira
Franco Montoro
Athos Bulcão
Carlos Eduardo Moreira Ferreira
Mestre Didi
Edemar Cid Ferreira
Francisco Brennand
Carybé
Padre Vaz
Jens Olesen
Joel Mendes Rennó
Max Justo Guedes
Nélida Piñon
Olavo Setúbal
Sérgio Motta
Walter Moreira Salles

1997

1º Regimento de Cavalaria de Guarda
de Brasília - DF
2º Grupo de Artilharia de Campanha

Autopropulsado de Itu - São Paulo
Adélia Prado
Antônio Poteiro
Antônio Salgado Peres Filho
Braguinha
David Assayag Neto
Diogo Pacheco
Dona Lenoca
Fayga Perla Ostrower
Gilberto Francisco Renato Allard
Chateaubriand Bandeira de Mello
Gilberto João Carlos Ferrez
Helena Maria Porto Severo da Costa
Hilda Hilst
Jorge da Cunha Lima
Jorge Gerdau Johannpeter
José Ermírio de Moraes Filho
José Safrá
Lúcio Costa
Luiz Barreto
Marcos Vinícios Rodrigues Vilaça
Maria Clara Machado
Mãe Olga de Alaketu
Robert Broughton
Ubiratan Diniz de Aguiar
Wladimir do Amaral Murtinho

1998

Abram Abi Szajman
Altamiro Aquino Carrilho
Antonio Britto Filho
Ariano Suassuna
Cacá Diegues
Mãe Cleusa do Gantois
Décio de Almeida Prado
Franz Weissmann
João Carlos Gandra da Silva Martins

José Hugo Celidônio
Lily Marinho
Milu Villela
Miguel Jorge
D. Neuma da Mangueira
Octávio Frias de Oliveira
Olavo Egydio Monteiro de Carvalho
Paulo Autran
Paulo César Ximenes Alves Ferreira
Roseana Sarney Murad
Ruth Rocha
Ruy Mesquita
Sebastião Salgado
Walter Hugo Khoury
Zenildo Gonzaga Zoroastro de Lucena

1999

Abraão Koogan
Almir Gabriel
Aloysio Faria
Ana Maria Diniz
Antonio Houaiss (in memoriam)
Beatriz Pimenta de Camargo
Ecyla Brandão
Enrique Iglesias
Mãe Stella de Oxóssi
Ester Bertolletti
Hélio Jaguaribe de Mattos
João Antunes de Oliveira
Herminio Bello de Carvalho
Paixão Côrtes
Romero Magalhães
J. Borges
Angel Vianna
Maria Cecília Soares de Sampaio Geyer
Maria Delith Balaban
Mário Covas

Paulo Fontainha Geyer
Washington Luiz Rodrigues Novaes

2000

Ana Maria Machado
Angela Gutierrez
Dom Geraldo
Dalal Achcar
Edino Krieger
Elizabeth D'Angelo Serra
Firmino Ferreira Sampaio Neto
Siron Franco
Gianfrancesco Guarnieri
Gilberto Gil
José Alves Antunes Filho
Luiz Henrique da Silveira
Luiz Sponchiado
Maria João Espírito Santo Bustorff
Silva
Zezé Mota
Ruth Escobar
Mário Garofalo
Martininho da Vila
Nelson José Pinto Freire
Paulo Tarso Flecha de Lima
Plínio Pacheco
Rodrigo Pederneiras Barbosa
Sabine Lovatelli
Sérgio Paulo Rouanet
Sérgio Silva do Amaral
Thomaz Jorge Farkas
Tizuka Yamasaki

2001

Thiago de Mello
Arthur Moreira Lima Júnior
Catherine Tasca

Célita Procópio de Araújo Carvalho
Pai Euclides
Dona Zica
Fernando Abílio Faro
Grêmio Recreativo Escola de Samba
Estação Primeira de Mangueira
Grêmio Recreativo Escola de Samba
Império Serrano
Grêmio Recreativo Escola de Samba
Portela
Grêmio Recreativo Escola de Samba
Unidos
de Vila Isabel
Haroldo Costa
Henry Philippe Reichstul
Hildmar Diniz
Ivo Abrahão Nesralla
João Câmara Filho
Jamelão
Luciana Stegagno Picchio
Luiz Antonio Corrêa Nunes Viana de
Oliveira
Lygia Fagundes Telles
Mestre Salu
Milton Gonçalves
Milton Nascimento
Paulinho da Viola
Pilar Del Castillo Vera
Purificación Carpinteyro Calderon
Sari Bermudez
Sheila Copps
General Synésio
Dona Yvonne Lara

2002

Ana Botafogo
Lima Duarte
Candace Slater

Carlos Roberto Faccina
Dalva Lazaroni
Dom Paulo Evaristo Arns
Editora da Universidade de São
Paulo - Edusp (São Paulo, SP)
Eduardo Vianna
Frances Marinho
Maria Della Costa
Carequinha
Grêmio Recreativo Escola de Samba
Camisa
Verde e Branco, Barra Funda - SP
Grêmio Recreativo Escola de Samba
Vai Vai, Bela Vista - SP
Guillermo ÓDonnell
Rabino Henry Sobel
Instituto Pró-Música, Juiz de Fora - MG
Jack Leon Terpins
Lelé
John Tolman
Dominguinhos
Mestre Juca
Julio José Franco Neves
Julio Landmann
Kabengele Munanga
Dona Lucinha
Seu Nenê de Vila Matilde
Marluy Miranda
Niéde Guidon
Borguetinho
Roberto Carlos
Roberto da Matta
Sergio Kobayashi
Silvio Sérgio Bonaccorsi Barbato
Sociedade Bíblica do Brasileira Barueri, SP
Tania Mariza Kuchenbecker Rösing
Vitae Apoio à Cultura, Educação e
Promoção Social

2003

Aloísio Magalhães (in memoriam)
Antônio Nóbrega
Ary Barroso (in memoriam)
Associação das Bandas de Congo da Serra
Associação Folclórica Boi Bumbá Caprichoso
Associação Folclórica Boi Garantido
Benedito Nunes
Cândido Portinari (in memoriam)
Carmem Costa
Casseta & Planeta
Centro Projeto Axé de Defesa e Proteção à Criança e ao Adolescente
Coral dos índios Guarani
Dorival Caymmi
Eduardo Bueno
Chico Buarque
G.R.E.S - Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira - Mangueira do Amanhã
Agostinho da Silva
Maestro Gilberto Mendes
Afro Reggae
Grupo Cultural Jongo da Serrinha
Grupo Ponto de Partida e Meninos de Araçuaí
Haroldo de Campos
Jorge Mautner
Herbert Vianna
Mestre João Pequeno
Bené Fonteles
Luiz Costa Lima
Manoel de Barros
Rubinho do Vale
Judith Cortesão
Marília Pêra

Milton Santos (in memoriam)
Zezé Di Camargo
Moacyr Scliar
Nelson Pereira dos Santos
Projeto Guri
Rita Lee
Roberto Farias
Rogério Sganzerla
Velha Guarda da Portela
Luciano (Dupla Zezé Di Camargo)

2004

Alberto da Costa e Silva
Angeli
Arnaldo Carrilho
Caetano Veloso
Quilombo da Serra do Cipó - MG
Grupo de Bumba-Meu-Boi do Maranhão
Cordão da Bola Preta
Danilo Miranda
Pelé
Liz Calder
Fernando Sabino
Geraldo Sarno
As Ceguinhas de Campina Grande
Franco Fontana
Frans Krajcberg
Fundação Casa Grande- Memorial do Homem Kariri
Inezita Barroso
João Donato
José Júlio Pereira Cordeiro Blanco
Marcia Haydée
Vó Maria
As Ceguinhas de Campina Grande
Lia de Itamaracá

Violeta Arraes
Mauricio de Sousa
Movimento Arte contra a Barbárie
Odete Lara
Olga Pragner Coelho
Orlando Villas Bôas (in memoriam)
Ozualdo Candeias
Paulo Mendes da Rocha
Paulo José
Povo Panará
Pracatum - Escola Profissionalizantes de Músicos
Projeto Dança Comunidade - Espetáculo
"Samwaad - Rua do Encontro"
Pulsar Cia. de Dança
Rachel de Queiroz (in memoriam)
As Ceguinhas de Campina Grande
Renato Russo
Teatro Oficina Uzyna Uzona
Walter Firmo
Waly Salomão

2005

Association Française D'Action Artistique (Afaa)
Alfredo Bosi
Ana das Carrancas
Antonio Meneses
Antonio Dias
Augusto Carlos da Silva Telles
Augusto Boal
Pinduca
Balé Stagium
Carlos Lopes
Circuito Universitário de Cultura e Arte (Cuca) / União Nacional dos Estudantes (UNE)

Cleyde Yâconis
Clóvis Moura
Darcy Ribeiro
Eduardo Coutinho
Egberto Gismonti
Eliane Lage
Gilles Benoist
Grupo Musical Bandolins de Oeiras
Henri Salvador
Izabel Mendes da Cunha
Jean de Gliniasty
Jean François Chougnat
Jean Gautier
João Gilberto
Almeida Prado
Zé do Caixão
Lino Rojas
Mestre Bimba
Maria Bethânia
Mário Carneiro
Maurice Capovilla
Dona Militana
Movimento Mangue Beat
Museu Casa do Pontal
Nei Lopes
Nino Fernandes
Xangô da Mangueira
Paulo Linhares
Raphaël Bello
Renaud Donnedieu de Vabres
Roger Avanzi
Ruth de Souza
Silviano Santiago
Mestre Pastinha
Ziraldo

2006

Adriano de Vasconcelos
Santos Dumont (in memoriam)
Dona Teté Cacuriá
Amir Haddad
Cora Coralina (in memoriam)
Ana Maria de Oliveira
Pepetela
Mestre Verequete
Banda de Pifanos de Caruaru
Berthold Zilly
Casa de Cultura Tainã
Conselho Internacional de Museus
Curt-Meyer Clason
Daniel Munduruku
Dino Garcia Carrera (in memoriam)
Emmanuel Nassar
Escola de Museologia da UniRio
Mestre Eugênio
Feira do Livro de Porto Alegre
Fernando Birri
Grupo Corpo
Henry Thorau
Intrépida Trupe
Ismael Diogo da Silva
Johannes Odenthal
Josué de Castro (in memoriam)
Júlio Bressane
Laura Cardoso
Lauro César Muniz
Luiz Phelipe de Carvalho Castro
Andrès
Dona Lygia Martins Costa
Mário Cravo Neto
Mário Pedrosa (in memoriam)
Mário De Andrade
Ministério da Cultura da Espanha

Moacir Santos
Museu de Arqueologia do Xingó
Paulo César Saraceni
Pompeu Christóvam de Pina
Centro de Estudos e Ações Solidárias
Racionais MC'S
Ray-Güde Mertin
Rodrigo Melo Franco de Andrade (in memoriam)
Sábato Magaldi
Sivuca
Tânia Andrade Lima
Boi Do Seu Teodoro
Tomie Ohtake
Vladimir Carvalho

2007

Abdias Nascimento
Lina Bo Bardi (in memoriam)
Dodô e Osmar (in memoriam)
Álvaro Siza Vieira
Cartola (in memoriam)
Walter Smetak
Tom Jobim
Associação Cultural Cachuera!
Escola de Circo Picolino
Banda Cabaçal
Céline Imbert
Cildo Meireles
Claude Lévi-Strauss
Clube do Choro de Brasília
Tostão
Solano Trindade (in memoriam)
Glauber Rocha (in memoriam)
Grupo Nós do Morro
Hélio Oiticica (in memoriam)
Bárbara Heliodora (in memoriam)

Hermilo Borba Filho (in memoriam)
Jean-Claude Bernardet
Jorge Ben Jor
José Aparecido de Oliveira (in memoriam)
Judith Malina
Kanuá Kamayurá
Lia Robatto
Luis Otávio Sousa Santos
Luiz Alberto Dias Lima de Vianna
Moniz Bandeira
Luiz Gonzaga (in memoriam)
Luiz Mott
Marcello Grassmann
Tônia Carrero
Museu Paraense Emílio Goeldi
Orides Fontela
Programa Castelo Rá-Tim-Bum
Cacique Raoni
Ronaldo Fraga
Grande Otelo
Selma do Coco
Sérgio Britto
Vânia Toledo

2008

Ailton Krenak
Pixinguinha
Johnny Alf
Altemar Dutra (in memoriam)
Anselmo Duarte
Bule Bule
Apiwtxa
ABGLT
ABI
Yama
Benedito Ruy Barbosa

Carlos Lyra
Centro Cultural Piollin
Cláudia Andujar
Coletivo Nacional de Cultura do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
Dulcina de Moraes (in memoriam)
Edu Lobo
Efigênia Ramos Rolim
Elza Soares
Emanoel Araujo
Eva Todor
Giramundo Teatro de Bonecos
Goianira do Couto
Hans Joachim Koellreutter (in memoriam)
Mercedes Sosa
Instituto Baccarelli
Zabé da Loca
João Candido Portinari
Guimarães Rosa (in memoriam)
Sérgio Ricardo
Leonardo Villar
Marcantonio Vilaça (in memoriam)
Maria Bonomi
Mestres da Guitarrada
Milton Hatoum
Nelson Triunfo
Orlando Miranda
Otávio Afonso
Paulo Emílio Salles Gomes (in memoriam)
Paulo Moura
Música no Museu
Quasar Cia de Dança Ltda
Roberto Corrêa
Ruy Guerra
Tatiana Belinky

Teresa Aguiar
Vicente Salles
Marlene

2009

Aderbal Freire-Filho
Alexandre Wollner
Angela Maria
Ataulfo Alves
Balé Popular do Recife
Beatriz Sarlo
Bispo do Rosário
Boaventura de Sousa Santos
Burle Marx
Carlos Manga
Carmen Miranda
Chico Anysio
Davi Kopenawa Yanomami
Debora Colker
Elifas Andreato
Fernanda Abreu
Fernando Peixoto
Filhos de Gandhi
Fundação Iberê Camargo
Gerson King Combo
Heleny Guariba
Instituto Olga Kos
Ivaldo Bertazzo
José Eduardo Agualusa
José Miguel Wisnik
Laerte
Luiz Olimecha
Lydia Ortélio
Mamulengo Só-Riso
Manoel de Oliveira
Maracatu Estrela de Ouro da Aliança

Maria Lucia Godoy
Mestre Vitalino
Mia Couto
Miguel Rio Branco
Nathalia Timberg
Ney Matogrosso
Noca da Portela
Osgemeos
Patativa do Assaré
Paulo Bruscky
Paulo Vanzolini
Raul Seixas
Samico
Sergio Rodrigues
Teatro Vila Velha
Vídeo nas Aldeias
Walmor Chagas
Zeca Pagodinho

2010

Andrea Tonacci
Anna Bella Geiger
Armando Nogueira
Ás de Ouro
Azelene Kaingáng
Candido Mendes
Carlota Albuquerque
Cazuza
Cesária Evora
Companhia de Danças Folclóricas
Aruanda
Conjunto Época de Ouro
Coral das Lavadeiras
Carlos Drummond de Andrade
Demônios da Garoa
Denise Stoklos
Dom Pedro Casaldáliga

Escuela Internacional de Cine y
Television de San Antonio de los Baños
Gal Costa
Glória Pires
Hermeto Pascoal
Ilo Krugli
Ismael Ivo
Ítalo Rossi
Jaguar
João Cabral de Melo Neto
João Carlos de Souza-Gomes
Joaquim Aurélio Nabuco de Araújo
Joênia Wapixana
Leon Cakoff
Leonardo Boff
Maracatu Estrela Brilhante de Igarassú
Mário Gruber Correia
Maureen Bisilliat
Maurício Segall
Moacir Werneck de Castro
Nelson Rodrigues
Rogério Duarte
Sociedade Cultural Orfeica Lira
Ceciliana
Tinoco
Vinicius de Moraes

2011

Academia Brasileira de Letras
Adriana Varejão
Afonso Borges
Ana Montenegro
Antônio Nóbrega
Antônio Pitanga
Apolonio Melonio
Associação Capão Cidadão
Associação dos Artesãos de Santana

de Araçuaí
Beth Carvalho
Betinho
Campos de Carvalho
Capiba
Casa Wariró
Chico Diaz
Clarisse Lispector
Claudett Ribeiro
CUFA
Espedito Seleiro
Festival de Dança de Joinville
Festival Santista de Teatro
Glênio Bianchetti
Grupo Dançando para não Dançar
Grupo Tradições Culturais Samba de
Cumbuca
Grupo DZI Croquettes
Grupo Galpão
Gustavo Dahl
Héctor Babenco
Helena Kolody
Ítala Nandi
Jair Rodrigues
João das Neves
João do Vale
José Renato
Leila Diniz
Lélia Abramo
Luiz Melodia
Lygia Bojunga
Maracatu Estrela de Tracunhaém
Mário Lago
Memorial Jesuíta
Nelson Cavaquinho
O Pedreiro
Paulo Freire
Paulo Gracindo

Quinteto Violado
Tablado
Tereza Costa Rêgo
Vik Muniz
Waldemar de Oliveira
Zuzu Angel

2012

Abelardo da Hora
Aguinaldo Silva
Alceu Valença
Almir Narayamoga Suruí
Amácio Mazzaropi
Anna Muylaert
Associação Carnavalesca Bloco Afro
Olodum
Austran Dourado
Breno Silveira
Carlos Alberto Cerqueira Lemos
Cleodes Maria Piazza Julio Ribeiro
Dener Pamplona de Abreu
Elba Ramalho
Escola de Dança e Integração Social
para Criança e Adolescente (EDISCA)
Fafá de Belém
Felipe Schaedler
Fundaç-ão Municipal de Artes de
Montenegro (FUNDARTE)
Hebe Camargo
Herivelto Martins
Ifigênia Rosa de Oliveira
Irmãos Campana
Isay Weinfeld
Ismail Xavier
Jorge Armado
José Sarney
Marieta Severo
Mário Schenberg
Martha Medeiros
Miguel Chikaoka
Milton Guran
Movimento Gay de Minas
Museu de Valores do Banco Central

Museu Histórico Nacional
Orlando Orfei
Orquestra Popular da Bomba do
Hemetério
Paulo Goulart
Plínio Marcos
Raquel Trindade
Regina Casé
Rose Marie Muraro
Silvio Santos

2013

Antônio Abujamra
Antônio Fagundes
Antonio Hélio Cabral
Associação de Sambadores e
Sambadeiras do Estado da Bahia
(ASSEBA)
Bárbara Paz
Cacá Diegues
Daniel Munduruku
Eleazar de Carvalho
Erasmoo Carlos
Euzébia Silva do Nascimento (Dona
Zica)
Grupo de Dança Primeiro Ato
Grupo Gay da Bahia
Grupo Maracambuco
Henrique de Sousa Filho (Henfil)
Ilê Aiyê
Ivan Lins
José Antunes Filho
Juvenal de Holanda Vasconcelos
(Naná Vasconcelos)
Laerte Coutinho
Lucy Barreto
Maria Adelaide Amaral
Maria Cândido
Marlos Nobre
Maurice Carlos Capovilla
Mira Haar
Nilcemar Nogueira

Paulo Archias Mendes da Rocha
Paulo Borges
Roberto de Castro Pires
Ronaldo Correia de Brito
Rosa Maria dos Santos Alves
Rubem Braga
Sérgio Mamberti
Sociedade Junina Bumba Meu Boi da
Liberdade
Tomie Ohtake
Walda Marques
Walter Pinto

EQUIPE TÉCNICA

CHEFE DE GABINETE

Tânia Rodrigues

COORDENADOR DE COMUNICAÇÃO

Walter Nunes de Vasconcelos Junior

CHEFE DA ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

Myrian Pereira

REDAÇÃO, EDIÇÃO, REVISÃO DOS TEXTOS E DESIGN GRÁFICO

CDN Comunicação Corporativa:

Ana Saggese

Camila Campanerut Ferreira

Cecília Pinto Coelho

Enio Vieira

Iêda Campos Vilela

Julia Oga

Karine Gonzaga

Luciano Milhomem

Maísa Moura

COLABORADORES

Adriano Rodrigues Pereira

Amanda Araújo Souza

Amanda dos Santos

Cláudio Márcio da Silva

Danielle Moreira de Souza Falcão

Daylane da Conceição Silva

Diego de Souza Barreto

Elton Gomes Medeiros

Hemily Silva Rodrigues

Idelene Alves do Amaral

Juliana Nepomuceno Pinto

Marcelo Santos Ribeiro

Maria Clevaneide Linhares Macedo

Maria José Peixoto Rabello

Marta Trindade Veloso Fulcar

Roberto Brandão Gomes

Sandro Moura da Silva

Taísa Ribeiro de Souza Santos

Thiago Moreira dos Santos

Vanessa Guedes Nunes Álvares

Ygor Bernardes

PRODUÇÃO ARTÍSTICA

DIREÇÃO ARTÍSTICA

Antonio Gilberto

DIREÇÃO DE ARTE

Rodrigo Abreu

MESTRES DE CERIMÔNIA

Antonio Pitanga

Roberta Nobre

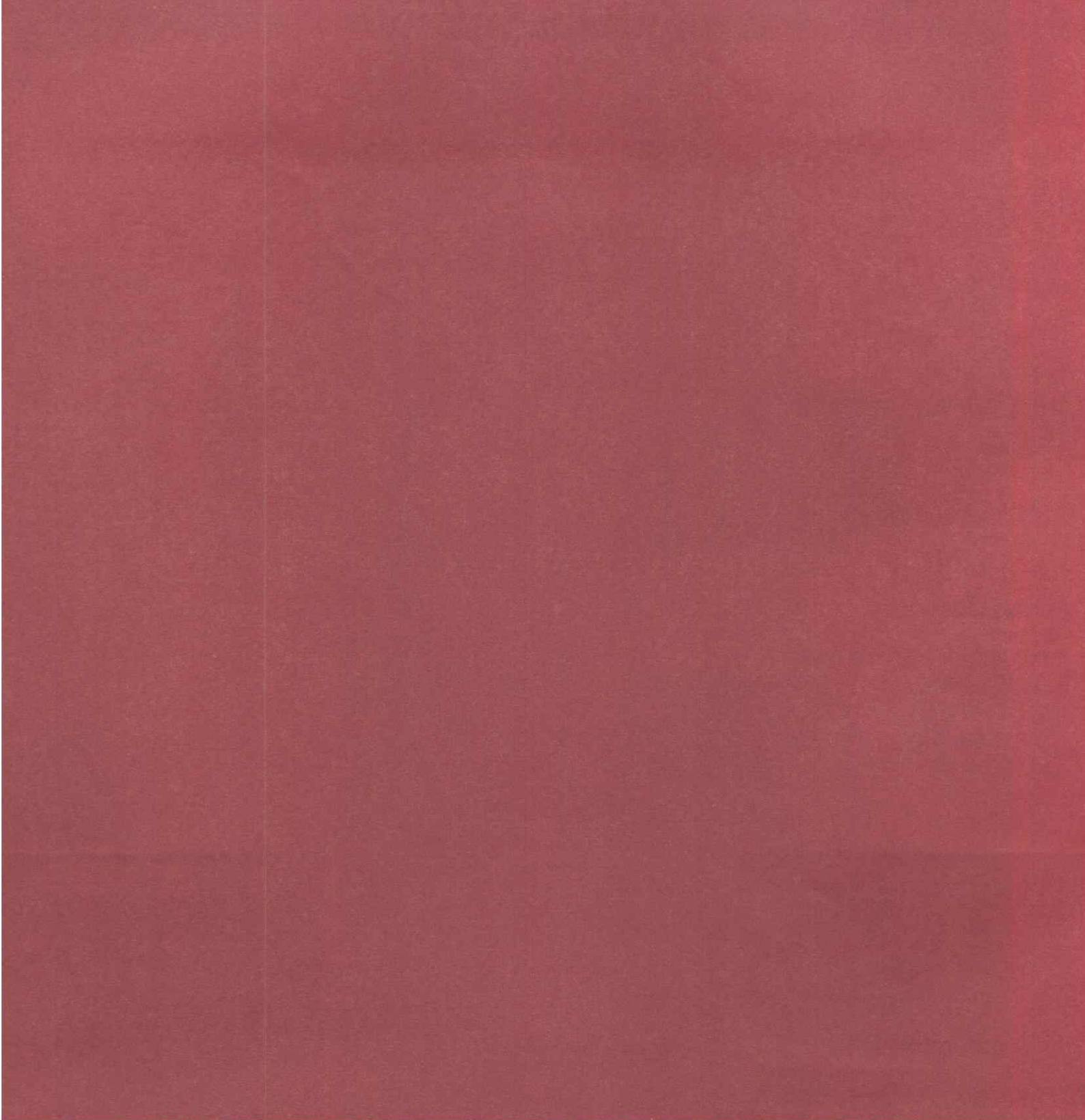
ARTISTAS CONVIDADOS

Vanessa da Mata

Violão: Mauricio Pacheco

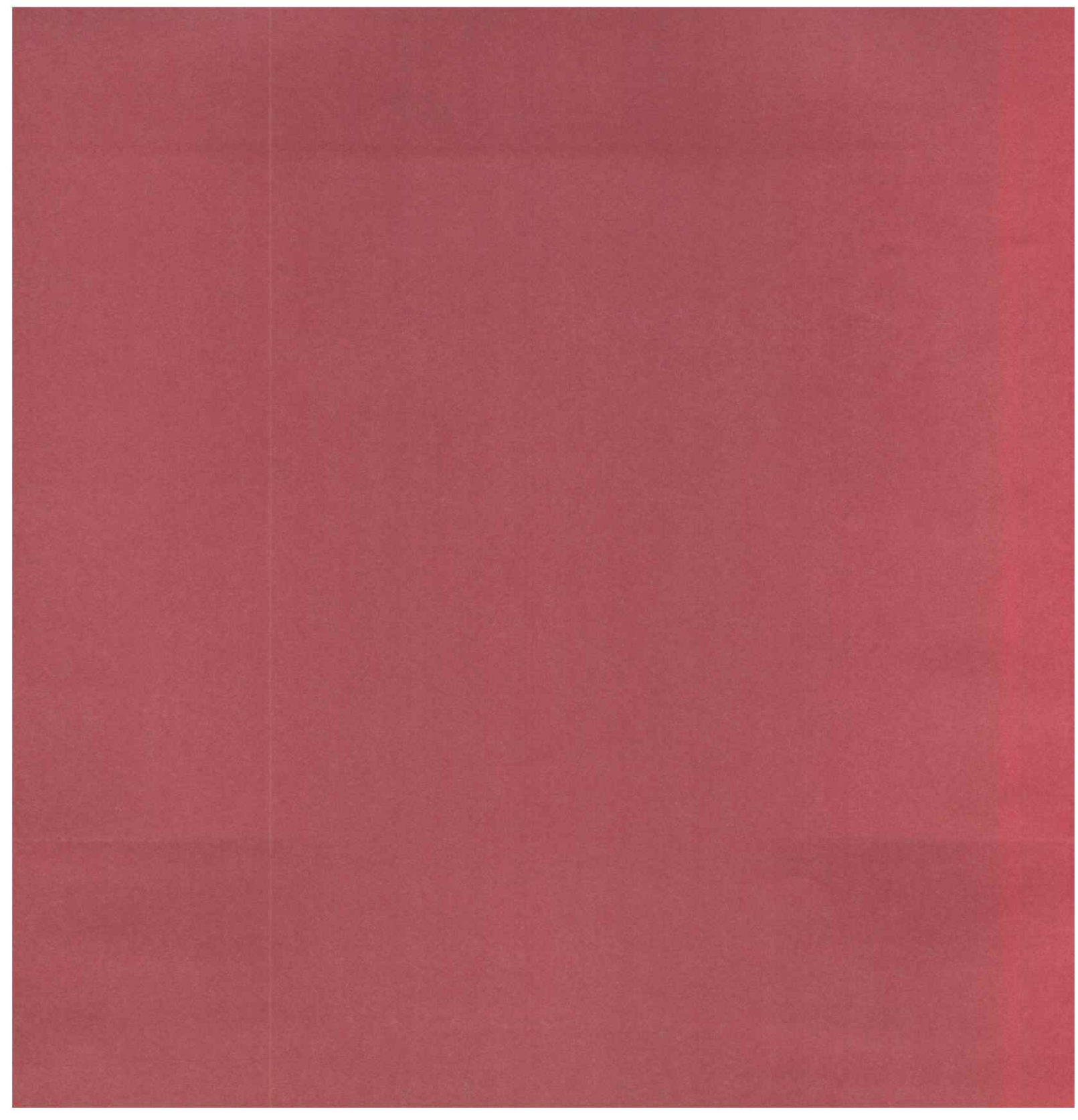
Agradecimentos:

Instituto Lina Bo e P.M. Bardi, por disponibilizar imagens de vida e obra de Lina Bo Bardi. Gesiel Júnior, pesquisador, por disponibilizar imagens de vida e obra de Djanira da Motta e Silva. Tapio Snellman e Naomi Blager, por disponibilizar filmes da exposição "Lina Bo Bardi: Together". MASP e a fotógrafa Bárbara Giacomet de Aguiar, por disponibilizar imagens do Museu.



Ministério da
Cultura

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA



Ministério da
Cultura

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA